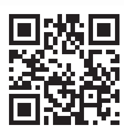
Pub

Correio dos Açores



www.correiodosacores.pt

Domingo, 22 de Setembro de 2024 ● Director: Américo Natalino Viveiros - Director-Adjunto: Santos Narciso ● Diário fundado em 1920 por José Bruno Carreiro e Francisco Luís Tavares ● Ano 105 n.º 33437 ● Preço: 1 Euro

Editorial

Uma celebração que vem a calhar para pedir o pagamento que é devido!

1- Celebra-se agora 45 anos de existência do Serviço Nacional de Saúde criado pela Lei 56/79 publicada em Setembro, e que mereceu uma mensagem do Presidente da República a endereçar "Parabéns a todos os que constituem o Serviço Nacional de Saúde, pelos êxitos e impacto positivo causado ao longo destas quatro décadas e meia".

2- É indiscutível a importância que o SNS teve e tem na vida dos cidadãos, mediante o acesso que permite aos cuidados de saúde que é por ele garantido a todas as pessoas.

3- Ao assinalar-se estas quatro décadas e meia da existência do SNS é importante ter consciência do custo do Serviço Nacional de Saúde. Reportando-nos a Junho de 2024, e começando pela quantidade de pessoas que, trabalham no SNS, constatamos que, presentemente, o quadro de pessoal que presta serviço no SNS ascende a 150.333 pessoas. Em Junho de 2019, em tempo da Covid - 19 eram 130.752, isto é mais 19.581 pessoas, conforme os números do portal de transparência do SNS.

4- Em termos financeiros, em 2023 os custos do Serviço Nacional de Saúde, que é financiado pelo Orçamento de Estado, ascendeu a cerca de 14 mil milhões de euros, representando um acréscimo de mais 892,3 milhões de euros do que no ano de 2022, equivalendo a mais 6,8%, segundo os dados disponíveis pelo Conselho de Finanças Públicas.

5- Pelos números acima descritos, ficamos a saber quais os custos do Serviço Nacional de Saúde que são gastos apenas no território continental, porque os Açoreanos não têm os mesmos direitos de serem tratados como são os Portugueses, embora a Constituição determine iguais direitos quer na saúde como na educação.

6- A lei 56/79 publicada em Setembro, estabelecia o direito de todos os cidadãos à protecção na saúde, e à prestação de cuidados globais de saúde, independentemente da sua condição económica e social.

7- Porém, a Lei 56/79 na sua aplicação, que era e é uma lei geral, pecou por não ter em conta a especificidade própria das Regiões Autónomas, deixando durante muito tempo a Região sem acesso à saúde, o que obrigou o Governo dos Açores a puxar pela imaginação para que a Região não ficasse fora de uma reforma que era importantíssima e tão necessária.

8- A forma então encontrada pelo Governo Regional para ultrapassar o vazio da Lei 56/79, quanto às Regiões Autónomas, obrigou o Governo Regional a arquitectar e aprovar depois o Decreto Regulamentar Regional n.º 32/80/A, que resolveu desse modo o vazio deixado pela Lei 56/79, já que apenas determinava que a Lei se aplicava às Regiões Autónomas sem especificar como e quando, e como seria a Região financiada pelos custos do Serviço Regional de Saúde a implementar nos Açores.

9- O Decreto Regulamentar Regional nº 32/80/A, na verdade, é aquele que cria o Serviço Regional de Saúde dos Açores, quando apresenta como razão principal o direito que assiste a toda a população, e não apenas a certos grupos e áreas geográficas, como se expressa no seu articulado, e que merece ser revisitado, quanto à justificação nele plasmada.

10- Só dez anos depois da aprovação da Lei 56/79, é que é aprovada e publicada a Lei n.º 48/90, de 24 de Agosto, denominada lei de Bases da Saúde, na qual se reconhece aos órgãos de governo próprio das Regiões Autónomas a competência para definir e executar a política de saúde nos respectivos territórios, adiantando que estava assim criado o enquadramento para o desenvolvimento legislativo regional dos princípios estabelecidos pelo Sistema Nacional de Saúde e pela Lei de Bases da Saúde, mas sem determinar como seriam assegurados os custos dos encargos com a Saúde, o que persiste, mas que tem de ser corrigido, evitando-se qualquer "terramoto político".

11- A Região tem de levar até às últimas consequências a comparticipação que nos cabe receber através do Orçamento de Estado anual para garantir a saúde e a educação na Região.

12- Estaríamos bem amanhados se ficássemos 10 anos à espera que a Lei de Bases "endossasse" tais competências à Região, o que representaria o atraso de uma década na implantação do Serviço Regional de Saúde, relativamente à República.

13- Não podemos baixar os braços, pois sabemos o que custa manter tais serviços que são essenciais, e por direito a Região tem de ser deles ressarcida.

Américo Natalino Viveiros

"Toxicodependência é um flagelo que tem vindo a crescer e é uma grande preocupação sentida nos Remédios da Lagoa"

Lucrécia Rego, Presidente da Junta

pág.s 4 e 5



O estado da Região – onde estamos e para onde vamos

Conferência de Américo Viveiros na ASSM

pág.s 13 a 16

Paulo Borges

"Deve haver um ambiente diferente no futsal para que se possa elevar a modalidade"



pág. 8



Conferência de Eduardo Paz Ferreira na UAC

A Lei de Finanças Regionais "tem de garantir uma melhor distribuição entre a riqueza nacional e as riquezas regionais"

pág.7 a 9

Maria Corisca

RECADOS COM AMOR...

Meus Queridos! A semana que agora termina começou com a ronda de contactos do Presidente do Governo com os partidos com assento parlamentar para a auscultação sobre o Plano e Orçamento para o ano de 2025 e que se espera possa repor os atrasos que a dissolução da Assembleia em 2024 originou. Como se sabe pelas declarações que os partidos foram fazendo depois da reunião, parece que o Orçamento tem "pernas para andar"… esperando-se que o debate a quando da sua apreciação no Parlamento decorra com o fervor próprio dos debates políticos, mas sem insultos entre pares e sem arremesso de culpas uns aos outros… como tem sido apanágio nas várias legislaturas. O debate é próprio dos parlamentos, mas a forma que tem sido usada faz com que as pessoas estejam fartas desses insultos que deixam mal os políticos e colocam em risco a democracia. A minha prima Maria da Praia disse-me que está em pulgas para saber se a pré disposição do PS para ser parte do Orçamento se torne em realidade e se assim for será um marco importante no inicio de mandato de Francisco César que vai ser "entronizado" como Presidente do PS no Congresso que decorrerá em Ponta Delgada nos dias 27, 28 e 29 de Setembro de 2024.

Ricos: Recebi um convite da Junta de Freguesia de Rabo de Peixe para estar presente no lançamento do livro "Ruy Galvão de Carvalho- O Discípulo de Antero", da autoria de António Pedro Costa e aparaltei-me para corresponder à gentil convocação, porque fui aluna do Mestre, nos meus tempos de menina e moça, e também porque gostaria de matar saudades do Largo do Charco, em Rabo de Peixe, local icónico, onde nos inícios do século XX se juntava a elite cultural micaelense ao redor da Quinta do Refúgio, onde veraneava o Dr. Luís Bernardo do Leite Atayde. Contudo, a minha iníqua dor ciática reteve-me em casa, mas a minha comadre Esperança já me relatou o que lá sucedeu, manifestando o seu contentamento pelo ambiente empolgante ali recreado, sublinhado pela poesia dita por alunas da Academia Sénior da Universidade dos Açores e pelo testemunho do General Garcia Lopes, que foi o orador convidado e que aproveitou o momento para se reconciliar com o Mestre Ruy Galvão. Marcaram presença muitos amigos do autor, numa assistência com gente bonita e interessante, para além do Presidente da Assembleia Legislativa Regional, Luís Garcia e da Secretária Regional da Educação, Sofia Ribeiro, que se associaram ao momento, como sinal inequívoco do reconhecimento do papel insubstituível daquele distinto homem das letras açorianas e no reforço da identidade da nossa região, que foi Ruy Galvão de Carvalho. A Esperança trouxe-me um belo exemplar da obra que foi produzida na Gráfica Açoriana. Daqui mando um beijinho repenicado a todos os intervenientes e em particular ao seu autor António Pedro Costa, que se tem aventurado com sucesso em levar à estampa biografias de ilustres figuras açorianas, oriundas da sua terra natal, que é a Vila de Rabo de Peixe.

Ricos! Fiquei menente ao saber que o Governo dos Açores ainda não recebeu um euro do Governo da República para comparticipar os estragos resultantes em Maio do incêndio do HDES, recordo-me que a Ministra da Saúde que prontamente veio a São Miguel mostrar a solidariedade do Governo da República e até disponibilizar-se para apoiar a construção de um novo hospital…. O que deu azo ao aparecimento de várias opiniões de pessoas que defenderam a tese dum novo hospital, apesar de algumas saberem… e outros não… onde se iriam meter se a opção fosse de construir um hospital de raiz… Agora e depois de estar já a meio caminho o hospital modelar orçado em 12 milhões de euros, o Governo de Luís Montenegro lá formou uma equipa de missão que ainda está a estudar o " sexo dos Anjos" e segundo disse o Secretário Regional das Finanças, Planeamento e Administração Pública, Duarte Freitas, o Governo dos Açores ainda não recebeu "um único cêntimo" da República, na sequência do incêndio no Hospital do Divino Espírito Santo (HDES). "Não temos ainda um único cêntimo de adiantamento do HDES", lamentou durante a audição da Comissão de Economia da Assembleia Regional, reunida em Ponta Delgada…. Duarte Freitas acrescentou que o Governo dos Açores já tem "despesa efectuada, e paga, que ultrapassa os 5 milhões de euros", só com despesas resultantes do incêndio, que ocorreu a 04 de Maio. …e diz que aguarda a primeira reunião do tal grupo de trabalho, criado entre a República e os Açores a propósito do incêndio, para exigir então do Governo de Luís Montenegro as verbas prometidas pela solidariedade nacional. "Foi finalmente publicado o normativo para a criação do grupo de trabalho entre o Governo da República e o Governo da Região e a expectativa é que, logo que haja a primeira reunião deste grupo de trabalho, se possa reivindicar e exigir o primeiro adiantamento da promessa que foi feita "a quente". Duarte Freitas lembrou que também está ainda por transferir cerca de 60 milhões de euros da República que foram prometidos há já anos…. para ajudar a financiar a recuperação dos estragos provocados pelo furacão 'Lorenzo', que cruzou a Região em Outubro de 2019, e que se espera há cinco anos que serão completados daqui a duas semanas… e que causou prejuízos em portos, estradas e moradias particulares… Afinal os prejuízos no continente são enormes com os incêndios, e aqui nos Açores são enormíssimos com os furacões que não pedem licença para entrar... Vamos esperar mais um pouco para ver os frutos do "grupo de trabalho" que não sei se já começou a trabalhar!

Ricos! As vacinas estão já à porta e são à vontade dos utentes… Tanto podem vacinar-se contra a gripe, como também em conjunto contra a Covid…. Cá por mim já pediu à minha farmácia para me avisar logo que tenham disponível a vacina da gripe… É que vou ficar só pela vacina da gripe, porque desde que tomei a terceira dose para a Covid,19 em 2022, tive uma dor ciática que me custou imenso, e presentemente tenho sofrido muito dos músculos e dos ossos, coisa que nunca tive antes… O mal pode ser meu e não da vacina, mas à cautela vou ficar pela vacina da gripe que já tomo há muitos anos!

Meus Queridos! O ex-primeiro ministro António Costa e agora Presidente do Conselho Europeu, respondeu por escrito à Comissão de inquérito que se arrasta na Assembleia da República, gastando tanto dinheiro e tempo que podia ser aproveitado para acudir a outras necessidades sobre o processo respeitante ao tratamento das "Gémeas brasileiras" que foram tratadas no Hospital Santa Maria em Lisboa… Esse processo é já um romance que ainda vai ter muitas mais páginas… e que depois há-de ser aproveitado para um filme à portuguesa… António Costa na resposta que dá à Comissão garante que não teve conhecimento prévio do caso das gémeas luso-brasileiras antes de este ser noticiado e salvaguarda que o antigo Secretário de Estado Lacerda Sales não tinha competência para marcar consultas. Isto é se nenhum membro do governo nem da Presidência da República podia marcar qualquer consulta das gémeas ou de outros pedidos porventura chegados ao Governo e à Presidência da República, resta aos Deputados fazerem uma "novena" a Santa Maria para que ela descubra quem do além marcou a tal consulta! António Costa insiste que não teve conhecimento prévio do caso das gémeas luso-brasileiras e sublinha que para marcar consultas, obviamente só podem ser marcadas por quem tem para tal competência em cada instituição do SNS. Ainda assim, quando questionado pelo PSD sobre se os secretários de Estado devem assumir responsabilidades políticas quanto às acções das secretárias, o ex-primeiro ministro responde que "os membros do governo são politicamente responsáveis pelos seus actos e omissões e, consoante a situação concreta, por actos e omissões de quem está sob a sua direcção ou tutela". Perguntado quanto ao conhecimento de qualquer intervenção feita pelo Presidente da República, António Costa ilibe o Presidente da República sobre qualquer acto do processo das Gémeas… Vamos ver se depois desta resposta do ex- Primeiro Ministro… se a Presidência da República irá receber emails enviados aos montes… com o pedido ao Presidente para marcar uma consulta para os Deputados que estão "endrominados" com o processo das gémeas brasileiras… Vamos esperar para ver!



Investigação e Inovação tornam os Açores mais competitivos, considera Artur Lima

A Vice-Presidência do Governo Regional dos Açores, através da Direcção Regional da Ciência, Inovação e Desenvolvimento, organizou a segunda edição da iniciativa S3 Summit: Smart Specialization Strategy, que decorreu na quinta-feira e na sexta-feira na Academia de Juventude e das Artes da Ilha Terceira.

O evento centrou-se na comemoração e discussão dos 10 anos da Estratégia de Investigação e Inovação para a Especialização Inteligente da Região Autónoma dos Açores 2022-2027 (RIS3 Açores).

O Vice-Presidente do Governo, Artur Lima, que presidiu ao Conselho Regional para a Especialização Inteligente, comprometeu-se a "mobilizar dois terços dos fundos FEDER disponíveis para Investigação e Inovação (I&I) até ao final do primeiro semestre de 2025", garantindo o aproveitamento pleno dos fundos europeus para esta área da governação.

"Focarmos o investimento em I&I, numa selecção de activos e áreas estratégicas, numa diferenciação face ao exterior, permite-nos alavancar as vantagens competitivas da Região e o nosso posicionamento em cadeias de valor internacional", salientou o governante.

Artur Lima observou, ainda, que "beneficiando dos fundos europeus e combinando os diversos instrumentos de financiamento disponíveis, os Açores podem criar importantes sinergias e melhorar a sua eficiência". No decurso de dois dias, a S3 Summit mobilizou agentes do Governo, academia, indústria e sociedade civil, para a discussão do balanço de uma década de RIS3 e as perspectivas para além de 2027.

Procurou-se, também, debater a importância da engenharia nos processos de valorização e transferência de conhecimento e a apresentação das fontes complementares de financiamento para I&I a nível europeu.

Igualmente em discussão esteve o lançamento de um processo de descoberta empreendedora, que irá mobilizar 6,5 milhões de euros para avisos do Programa Regional Açores 2030.

Um morto e dois feridos graves em acidente em São Vicente Ferreira

Um morto e dois feridos graves confirmados pelo Comando do Bombeiros da Ribeira Grande é o resultado de um choque frontal entre duas viaturas em São Vicente Ferreira.

O acidente ocorreu por cerca das 18h00 de ontem quando uma viatura conduzida por um homem de 40 anos não conseguiu completar a ultrapassagem de uma terceira viatura e chocou de frente com a que vinha em sentido contrário.

Do choque frontal, o condutor da viatura que tentava fazer a ultrapassagem morreu logo no local e dos ocupantes da outra viatura, uma criança (menino autista) ficou em estado muito grave (em coma), foi transportada para o hospital e deve ter sido evacuada de madrugada para Lisboa. O pai também se encontra em estado grave e terá ficado com uma perna esmagada.

O condutor que faleceu ficou tempo de mais à espera do Delegado de Saúde para confirmar o óbito com a família à espera, o que foi considerado "inadmissível" por testemunhas oculares.

A família as vítimas e vizinhos ficaram em estado de choque. A população está consternada com o sucedido.

Açores e o Futuro

Preocupações nas pescas e na agricultura



Por: Álvaro Dâmaso

I

O sector primário – agricultura e pescas – nos Açores emprega, por conta de outrem, um volume de trabalhadores expressivo que significa um considerável conjunto de famílias, conforme revelam os "quadros de pessoal" da Segurança Social. Os pescadores matriculados quase atingem mil e quinhentos. Revela a estatística oficial de há 4 anos.

Na passada quinta-feira, foi dado publicamente a conhecer um memorando entregue ao Governo Regional, subscrito pelo Sindicato dos Pescadores e pela Cooperativa Porto de Abrigo.

Constam do Memorando diversas queixas, críticas assim como várias sugestões.

O documento bem elaborado refere um crescimento excessivo da actividade que denomina por "pesca lúdica", afirmando que em 2014 o número de embarcações deste tipo de pesca ascendia a cerca de mil e setecentas. Os dados estatísticos do ano de 2019 indicam que nos Açores existiam setecentas e trinta e quatro embarcações de pesca com motor.

Queixam-se os pescadores do regime de contribuições que têm de suportar e o fazem por dedução do preço de venda do pescado na Lota, bem como da regulação do sistema preços em Lota, designadamente do preço da 1ª venda; da não unificação das pensões de reforma; sugerem a integração dos seguros de acidentes de trabalho na segurança social; recomendam a adopção do regime fundo de Pesca em vigor no Continente e discordam da fixação de quotas para as espécies migratórias, Atum e Espadarte. Também se queixam - o que é igualmente recorrente noutros sectores de actividade - do "atraso de pagamentos" referindo concretamente o programa de ajuda da União Europeia, "Poseima Pescas", respeitante ao ano 2023.

Fica-se com a ideia após a leitura do documento, pela natureza e somatório das queixas que me parecem conscientes e apropriadamente formuladas que as questões elencadas não são recentes e têm soluções que não são complexas nem pesadas para as finanças regionais. Fica-se com a ideia por todo o conteúdo que o diálogo com a estrutura de serviços competentes do Governo Regional não tem sido regular nem muito produtivo.

II

No final do mês de Agosto findo, uma reportagem do jornal para o qual escrevo tinha por tema um encontro entre o Governo Regional e a Associação Agrícola de S. Miguel representada pelo seu Presidente. O tema na sua parte substantiva relacionava-se com as alterações climáticas e a sua influência negativa sobre as culturas, assim como as medidas atempadas para as prevenir.

O Presidente da Associação Agrícola sublinhou uma questão muito relevante: se as sementes não se forem adaptando progressivamente às alterações climáticas que vão inevitavelmente ocorrendo não teremos água armazenada para fazer rega, do que resultará uma "situação gravíssima para o futuro" originada pela rotura de alimentos. Referenciava em seguida que os "campos de ensaio" que já definidos e em actividade confirmavam a "excelente qualidade do milho forrageiro" e a sua importância para a alimentação animal.

O Secretário Regional para a Agricultura e Alimentação salientando as virtudes da experiência realizada pela Associação Agrícola considerou o milho como a principal fonte alimentar para os bovinos e destacou que no ano em curso que a área para a produção do milho ocupariam cerca de 14 mil hectares, um valor recorde e um significativo progresso para a independência da alimentação alimentar dos bovinos.

A preservação da natureza e o desenvolvimento progressivo do que ela – Terra e Mar – permita sem destruição é a condição de sobrevivência deste Arquipélago, da população que o habita, como da atractividade de quem o procura. A preparação do futuro é o melhor legado que esta geração pode deixar às vindouras. AD

Lucrécia Rego, Presidente da Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário

"Não temos conhecimento de investimentos no âmbito do PRR, por parte da Direcção Regional de Habitação, que contribuam para o aumento da oferta de habitação a preços acessíveis"

Lucrécia Rego, Presidente da Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário desde 2021, aponta que os maiores desafios da freguesia são de natureza social, destacando o aumento da toxicodependência e a crise na habitação. Embora existam expectativas em torno da Estratégia Local da Habitação, partilha a preocupação da Câmara Municipal de Lagoa sobre a falta de resposta, desde Março, para candidaturas de projectos que somam mais de 18 milhões de euros. Em relação à recuperação da antiga Fábrica do Álcool e à possibilidade de transferir a tutela, sublinha: "quer seja o Município, quer seja o Governo Regional, ou mesmo através de um projecto privado, o que importa é recuperar este valioso património.

Correio dos Açores - Que retrato nos faz da freguesia de Nossa Senhora do Rosário?

Lucrécia de Fátima Teles Rego (Presidente da Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário) - A freguesia de Nossa Senhora do Rosário situa-se no centro da Lagoa e nos últimos anos ganhou um cariz de modernidade, tornando-se uma freguesia muito atractiva não só pelas suas zonas de lazer, como são exemplo as Piscinas Naturais e o Passeio Marítimo da Cidade, que são espaços de convívio e de prática de vida saudável, mas também pela oferta diária de serviços, comércio e indústria e, naturalmente com a nova zona de expansão do Tecnoparque.

Para além disso, a freguesia de Nossa Senhora do Rosário dispõe de excelentes acessos, não só às demais freguesias do concelho, mas também aos concelhos vizinhos, proporcionando uma grande dinâmica socioeconómica.

Quais são os principais desafios, necessidades e dificuldades que a freguesia enfrenta?

Os desafios são muitos, mas destaco, particularmente, os problemas de cariz social.

Cada vez mais, os autarcas são pressionados, diariamente, no sentido de conseguirem dar resposta às preocupações e problemas dos cidadãos, onde a empregabilidade, a diminuição do poder de compra e os problemas de toxicodependência são problemas diários que assolam muitas famílias e com os quais somos constantemente confrontados, sendo difícil de darmos uma resposta ou resolução adequada pelas competências e recursos que temos. Procuramos, porém, que cada problema encontre encaminhamento junto das entidades competentes.

A freguesia tem um dos empreendimentos históricos da ilha, a antiga Fábrica do Álcool. Como está a situação?

No que concerne à freguesia de Nossa Senhora do Rosário, em tempos, falou-se na possibilidade de o Governo Regional transferir a tutela da antiga Fábrica do Álcool para o Município de Lagoa.

Em meu entender, quer seja o Município, quer seja o Governo Regional, ou quer mesmo seja através de um projecto privado, o que importa é recuperar este valioso património arquitectónico, histórico e fortemente ligado à vida industrial da freguesia.



"O flagelo da toxicodependência, infelizmente, tem vindo a aumentar e é uma grande preocupação sentida na freguesia."

É necessário garantir a prevenção deste património e estar cooperantes no encontro de soluções que possam rentabilizar, valorizar e dignificar este espólio, numa perspectiva de desenvolvimento e reabilitação urbana da freguesia.

De realçar também a expectativa de que o processo de requalificação da Escola Básica Integrada de Lagoa avance o mais rápido possível.

Qual a dimensão do Turismo? Têm surgido muitos Alojamentos Locais?

O Turismo é uma realidade que tem vindo a aumentar e, nesse âmbito a freguesia de Nossa Senhora do Rosário não é excepção, uma vez que, é notório que, cada vez mais, a freguesia é procurada e visitada por turistas, que procuram a boa gastronomia e um bom banho de mar, o que tem sido uma mais-valia para o desenvolvimento económico da freguesia. Um exemplo da atractividade da freguesia é o surgimento de novas unidades hoteleiras, nos últimos anos, com especial destaque para o Hotel Hilton e o Hotel White.

O crescimento de Alojamentos Locais é igualmente uma realidade que se tem vindo a verificar, naturalmente, com desafios, mas também com desvantagens, nomeadamente no que diz respeito aos arrendamentos, uma vez que o preço das habitações se encontra inflacionado.

A falta de habitação é um dos problemas para os casais jovens?

A falta de habitação continua a ser um grande desafio de cariz social identificado por esta Junta de Freguesia, não só para os casais jovens, mas em várias faixas etárias. Temos pessoas que nos procuram com problemas habitacionais, por não existirem habitações, nem para compra, nem para arrendamento, a preços acessíveis.

Todos os casos mais urgentes são encaminhados para as entidades competentes.

Nesse domínio temos uma elevada expectativa que na concretização da Estratégia Local da Habitação possamos, em conjunto dar resposta a muitos destes agregados familiares. No entanto, comungamos da preocupação da Câmara Municipal de Lagoa que, apesar de ter candidatado projectos para o município que totalizam mais de 18 milhões de euros, ainda não teve qualquer candidatura aprovada desde Março e a verdade é que o tempo está a passar e começam a ficar em risco os investimentos do PRR, neste domínio.

De salientar que não temos conhecimento de investimentos no âmbito do PRR, por parte da Direcção Regional de Habitação na freguesia do Rosário, que possam contribuir para o aumento da oferta de habitação a preços acessíveis.

A falta de postos de trabalho dificulta a fixação de jovens na freguesia?

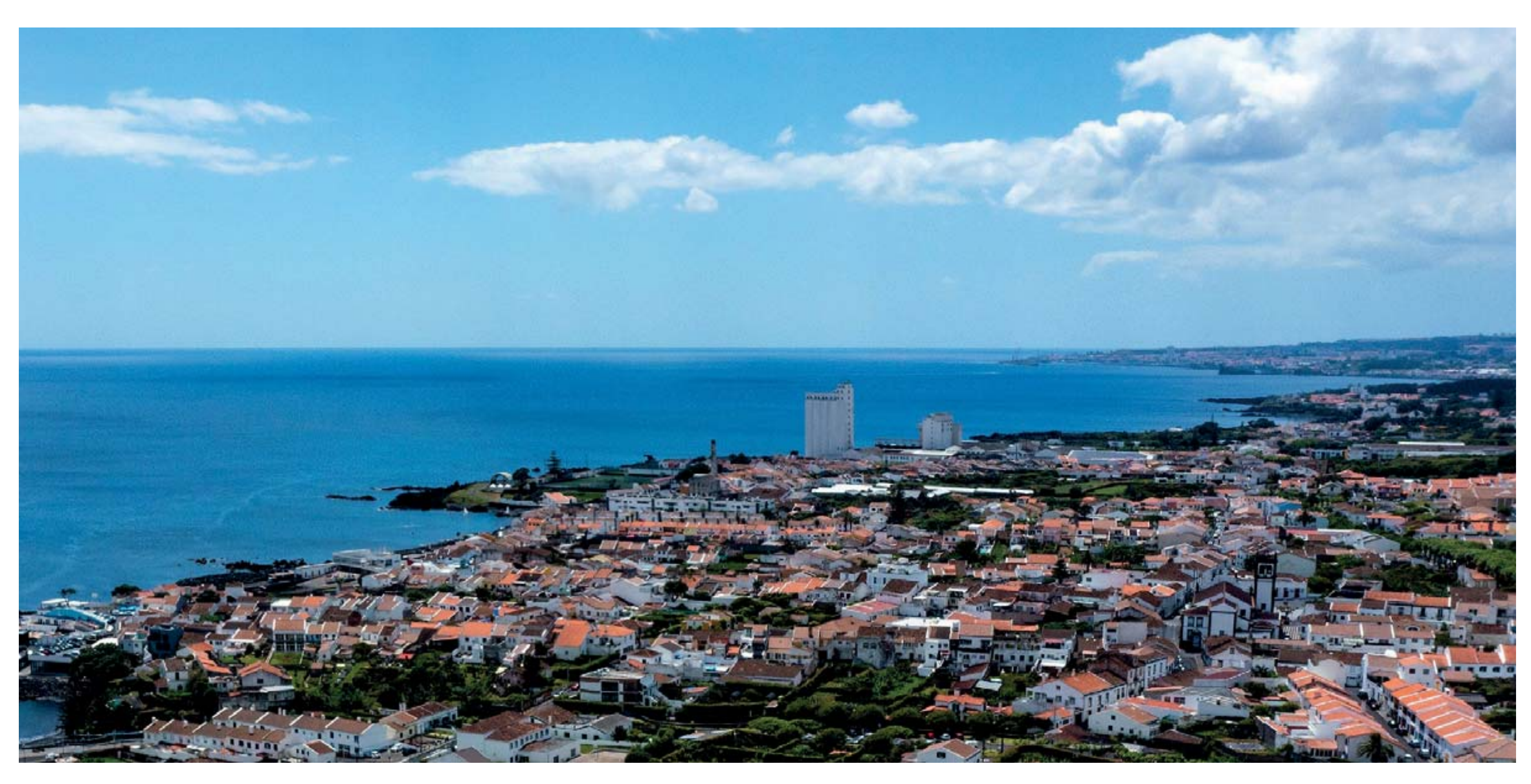
Não tenho a percepção de que seja por falta de trabalho que os jovens, eventualmente, não estejam a fixar-se na freguesia, até porque, como já referi, a proximidade entre freguesias e concelhos faz com que a deslocação seja fácil e acessível. A eventual não fixação passará mesmo pela dificuldade de acesso a habitação disponível e os preços que actualmente são praticados.

O flagelo da toxicodependência, infelizmente, tem vindo a aumentar e é uma grande preocupação sentida na freguesia. Têm sido tomadas algumas medidas delineadas no Conselho Municipal de Segurança, as quais, ainda não têm sido suficientemente resolutivas para a sua minimização, visto que, será necessária uma intervenção mais presente e intensa por parte das entidades regionais responsáveis por esta matéria.

Não deixo, porém, de realçar o papel da PSP da Lagoa que tem realizado um excelente trabalho de investigação, que tem culminado com algumas detenções, que espelham o esforço na luta para travar o crescimento do tráfico e do próprio consumo.

Os problemas com toxicodependência têm levado a um aumento da criminalidade?

Naturalmente que o fenómeno da toxicodependência, em qualquer localidade, faz aumentar a pequena criminalidade e esta situa-



"Os focos de pobreza na freguesia estão devidamente identificados e a Junta de Freguesia, em articulação com a Câmara Municipal de Lagoa, as IPSS, as instituições locais, o Banco Alimentar e a Cáritas têm apoiado as famílias"

ção tem-se verificado na freguesia do Rosário. A título de exemplo, posso dizer que, esta semana, o Executivo da Junta reuniu com uma Associação de Moradores, de uma zona da freguesia, que tem sentido muito de perto estes crimes e que, por isso, sentiram a necessidade de manifestar a sua preocupação e anseio na resolução deste problema.

Qual a dimensão da pobreza na freguesia?

O Rosário é uma freguesia que, como qualquer outra, continua a ter problemas económicos que ainda são sentidos por algumas famílias.

Os focos de pobreza na freguesia estão devidamente identificados e a Junta de Freguesia, em articulação com a Câmara Municipal de Lagoa, as IPSS, as instituições locais, o Banco Alimentar e a Cáritas têm apoiado as famílias, dando resposta às várias situações que vão surgindo.

Qual a dimensão do número de pedidos de apoio à Junta? O número de pedidos tem crescido?

A dimensão do número de pedidos é muito variável. No entanto, posso adiantar que a maioria dos pedidos que nos chegam vão desde a procura de habitação e emprego a bens alimentares.

Dentro do âmbito da nossa actuação, temos conseguido dar resposta, encaminhando alguns casos específicos para outros serviços sociais, sempre que necessário.

Quais têm sido a acções de promoção cultural na freguesia?

Temos apostado nessa área com a promoção de alguns eventos, dos quais destacamos o Carnaval, o Dia da Freguesia e o Dia da Criança.

Durante os meses de Verão, a Junta de Freguesia também proporcionou, aos fins-de-semana, serões com animação musical na Praça de Nossa Senhora do Rosário, apostando sobretudo nos grupos locais.

A Junta de Freguesia de Nossa Senhora do Rosário tem apoiado ainda as instituições, recreativas, sociais, religiosas e desportivas, através de protocolos de cooperação financeira anuais, para que também estas possam desenvolver as suas actividades.

A freguesia de Nossa Senhora do Rosário tem potencial para se desenvolver mais? Em que domínios?

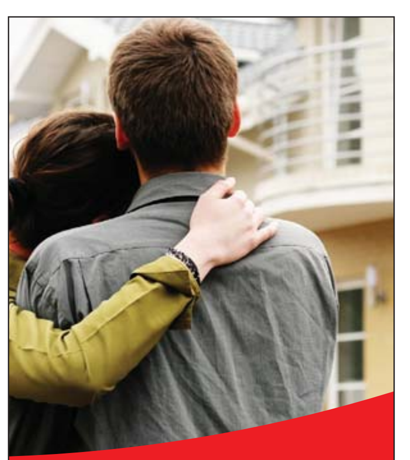
Actualmente somos certamente melhores do que ontem, mas sem dúvida que a freguesia ainda tem muito potencial para se desenvolver em várias vertentes. Em cooperação com o Município de Lagoa, aguardamos com expectativa a execução do prolongamento do Passeio Marítimo da Lagoa, os circuitos de transporte colectivo dentro da freguesia e melhoramentos nas acessibilidades que são investimentos estruturantes para o desenvolvimento da freguesia, sendo que, os próprios regulamentos de acesso aos fundos comunitários também os privilegiam.

Para além disso, o Tecnoparque é actualmente uma das zonas da freguesia em expansão e que já conta com um Hospital, um Hotel, um Parque de Ciência e Tecnologia e vários blocos de apartamentos habitacionais, o que demonstra que estamos no caminho certo, prevendo-se ainda muito potencial para o crescimento dessa zona da freguesia.

Daniela Canha

destaques
IMOBILIÁRIAS





DESTAQUES IMOBILIÁRIAS

PUB





ERA PONTA DELGADA
pontadelgada@era.pt | era.pt/pontadelgada
296 650 240

ERA PORTAS DA CIDADE
portasdacidade@era.pt | era.pt/portasdacidade
296 247 100

ERA RIBEIRA GRANDE
ribeiragrande@era.pt | era.pt/ribeiragrande
296 096 096

Acorbase, SMI, Lda. AMI 5179. Cada Agência é jurídica e financeiramente independente.

PUB

REDE IMOBILIÁRIA UNU DOMUS



UNU.I.1292.18624
Moradia benfeitoria, na freguesia de Santo António (PDL) com vista mar - 36 m²
VENDA: **75.000€**



UNU.I.1289.18624
Apartamento T2, Ponta Delgada (Paim) – 117 m²
VENDA: **310.000€**





UNU.I.1288.18624
Moradia V4, São Roque – 108 m²
VENDA: **229.000€**



UNU.I.1287.18624
Moradia V3, em fase de Construção, Rosto do Cão, Livramento – 161m²
VENDA: **687.000€**



UNU.I.1277.18624
Apartamento T2, Conceição, Ribeira Grande – 102 m²
VENDA: **250.000€**

ATLANTIMPOTENTE MED. IMOB. LDA. | AMI Nº 18624

R. DR HUGO MOREIRA, 14
PONTA DELGADA
TEL.: 296 248 199
EMAIL: DOMUS@UNU.PT
WWW.UNU.PT

PUB





São Brás. Moradia T4 a necessitar de obras totais.
84 720€



Moradia T3 e Armazém situados em terreno com 1665m2
109 740€



Terreno Rústico com 3830 m2
Paim
450 000€



Moradia T3 com Quintal
Fajã de Baixo
286 320€



Residencial + 2 Apartamentos T2
Ribeira Grande
995 890€



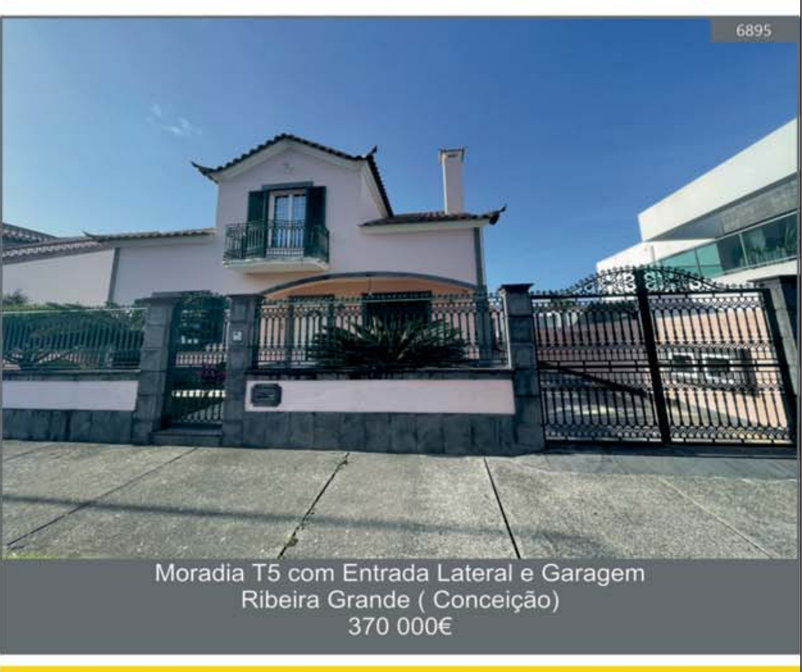
São Pedro. Terreno para Construção de Moradia
109 900€



Empreendimento Turístico.
Vila Franca do Campo
980 000€



Ponta Garça. Moradia T2 com Espaço Comercial
79 000€



Moradia T5 com Entrada Lateral e Garagem
Ribeira Grande (Conceição)
370 000€

www.habimax.pt
Rua Dr. José Bruno Tavares Carreiro nº8
9500-119 Ponta Delgada
(+351) 296 288 900
pdelgada@habimax.pt
Lic. AMI 5933

PUB



IMOBILIÁRIAS
DESTAQUES
PUBLICIDADE
296 709 889

PUB



A Lei de Finanças Regionais "tem de garantir uma melhor distribuição entre a riqueza nacional e as riquezas regionais"

Conferência 'O Futuro das Ilhas de Bruma' proferida pelo Professor Doutor Eduardo Paz Ferreira na Universidade dos Açores

"É, naturalmente, para mim uma grande honra estar aqui hoje, neste auditório cheio de pessoas das mais variadas gerações, algumas das pessoas que mais cumpriram na tarefa de consolidação das autonomias e de avançar com este grande projecto autonómico, outros mais novos para quem o futuro se abre em termos muito diversos daqueles que eram os tempos em que eu tinha a idade deles, que infelizmente, manifestamente já não tenho. Mas tenho saudades desses tempos, claro está. E vejo também, com grande alegria, alguns amigos desses tempos que agradeço muito terem vindo.

É uma honra estar aqui (…) com o professor João Bosco Mota Amaral, fouding father da autonomia, pessoa por quem tenho a maior admiração e respeito há longos anos e que ainda hoje continua a seguir, com grande atenção, a politica e economia açoriana. Outras pessoas também dessa geração, como o padre Webber, reitor Vasco Garcia, que foi também um dos homens ligados à fundação desta Faculdade. (…) Alguns terão ficado admirados com a ideia, ou com o título se quiserem, desta palestra: 'O futuro das Ilhas de Bruma'. E alguns são suficientemente novos para nem saberem qual é esta referência às Ilhas e Bruma.



A vida nos Açores há 50 anos era "dolorosa" para a qual restava a emigração

A ideia de chamar as Ilhas de Bruma para aqui tem a ver com a minha preocupação em torno do que se passa e do que se passará na Região Autónoma dos Açores, assim como no país em geral, e porque não dizê-lo, neste mundo terrível que estamos a viver.

Também quis aqui salientar que autonomia não é só uma questão financeira. Não são só números, não são só cálculos de transferências. A autonomia é um fenómeno cultural, intelectual e tem que ser tratado nessa base.

Com a 'Ilhas de Bruma' quis homenagear o autor Manuel Medeiros Ferreira, autor desta magnífica música. Como verão, há uma versão muito mais heterodoxa do meu genial amigo Zeca Medeiros que mostra bem como é possível partir de raízes antigas para caminhos novos. É esta a minha ideia essencial.

Mas não quero só homenagear os músicos. Quero lembrar os nossos grandes escritores e pensadores. Antero de Quental, Vitorino Nemésio, Natália Correia, mais recentemente José Medeiros Ferreira, Onésimo Teotónio de Almeida, a quem saúdo de um modo muito especial, Mário Mesquita e Vamberto Freitas.

Eu escrevi uma vez, há algum tempo, o seguinte: "Entro sempre no avião que me levará de Lisboa a Ponta Delgada com o sentimento de quem regressa à sua velha casa. E à minha velha casa como Ary dos Santos, melhor que ninguém escreveu, num poema de um belo Fado de Carlos do Carmo: "Eu regresso há procura das origens da ternura onde o meu ser perdura".

Passaram anos e anos, e passariam mais de mil anos, como se canta num bolero que tanto gosto. Sei que não é um estilo musical dos nossos dias, mas é dos meus tempos. E desde que parti da ilha, devo dizer, - e parti para estudar na Universidade -, a minha alma nunca saiu da ilha. E isto acontece a todos, ou quase todos os açorianos que saem. Mesmo 50 anos depois, a ilha está sempre dentro de mim, assim como está a imagem dos meus pais a despedirem-se de mim. Nesses tempos não se viajava de avião, por regra para o continente, ia-se de barco. Fui num barco chamado 'Angra do Heroísmo'. Fiquei sempre com a imagem dos meus pais, na doca, com o cabelo ao vento, a despedirem-se de mim.

Esta viagem é uma viagem muito peculiar, porque (…), de alguma forma, posso ajudar a pensar nas questões que podem ser úteis para a minha terra.

Quando penso nos Açores de há 50 anos, - e há aqui outras pessoas que se lembram -, lembro-me que se tratava de uma sociedade muito pobre, com grande estigma de pobreza. Hoje podemos pensar que ainda há muita pobreza, muitas soluções por resolver, mas nada que se comparasse com 50 anos atrás, quando os homens, particularmente os trabalhadores rurais, não tinham emprego, e iam todos os dias de manhã para junto da igreja da aldeia esperar que algum dos senhores terra-tenentes os fosse buscar para trabalharem, para terem um dia de jorna e poderem comer aquilo que era a refeição deles. E a refeição deles era batata cozida com pimenta ou broa de milho com um chicharro. Tudo isto é, evidentemente, um tempo triste, mas é um tempo que existiu e é um tempo que está fora de questão que o deixemos regressar. Temos de lutar contra esse tempo com toda a nossa força.

E temos de nos lembrar que esta vida não é uma novidade de há 50 anos. Durante séculos as soluções administrativas e as soluções organizativas foram mudando, mas a vida dos açorianos foi sempre uma vida de dificuldade em que se sentiam abandonados, sobretudo pelo continente, e entregues a um destino de pobreza.

Era uma vida dolorosa para o qual pouco restava. Digamos que, no essencial, restava a fuga das ilhas. Restava a imigração. Restava os cursos universitários para quem os podia fazer. Num determinado período, restou também um movimento ligado à indústria baleeira; e numa fase final do século XIX, inicio do século XX, o movimento de alguma industrialização.

O que é certo é que o mercado açoriano era, - ainda é hoje mas nessa altura era muito mais -, um mercado muito exíguo e a única solução era sair das ilhas.

Quanto ao mar "era uma obsessão dos açorianos"

Todos conhecem uma música açoriana, que depois foi recuperada por Zé Afonso, chamada 'Canção Longe', que fala do drama da imigração a dizer: "ó meu bem se tu te fores, como dizem que te vais, deixa-me o teu nome escrito, numa pedrinha do cais". E assim era. Muitas pedras escritas no cais, muitos lenços molhados, muita dor. Mas também a possibilidade de alguma prosperidade, por vezes alargadas às famílias que se iam juntar aos imigrantes iniciais. Digamos que se foi criando por ai alguma atenuação das dificuldades. (…)

O mar era uma obsessão dos açorianos. Eu próprio, que não estava nessa situação, lembro-me de sentir o mar à minha volta como algo que me impedia de ir mais longe, que me impedia de saber o que se passava para além. E quem fez uma reflexão notável sobre isso, como todas as que fez sobre os Açores, foi o meu querido amigo José Medeiros Ferreira, infelizmente já falecido.

E a ideia de atravessar o mar, era uma ideia que deu origem a situações trágicas. A mais conhecida é aquela que Manuel Ferreira descreveu num livro chamado 'O Barco e o Sonho', que depois foi transposto pelo genial Zeca Medeiros, e que é um cantor e realizador completamente desperdiçado por Portugal, na circunstância de viver nas Ilhas de Bruma.

E devo dizer que é muito impressionante, que nos primeiros tempos, a RTP tinha meios e podia fazer séries e programações muito interessantes. E hoje em dia a RTP-Açores não consegue fazer nada disto. No entanto, as primeiras séries portuguesas foram produzidas pela RTP-Açores: "O Barco e o Sonho", "Xailes Negros" e tantas outras.

Mas, então, nessa história do 'Barco e o Sonho', dois pescadores micaelenses, sem qualquer instrução, fabricaram clandestinamente um pequeno barco a remos, no qual se puseram a caminho dos Estados Unidos da América. Como calculam, é preciso uma coragem suicida para fazer isto. Acabaram por ser salvos, in extremis, por um navio da marinha americana que os salvou e mais tarde os senadores Robert e John Kennedy tanto insistiram na protecção deles que iriam dar-lhes a nacionalidade e as coisas começaram a correr bem para a vida deles. Claro que quando começamos a pensar nisso, não nos podemos esquecer do que é a enorme tragédia que hoje há nos mares. No mar Mediterrâneo, no Canal da Mancha, em tantos e tantos sítios onde morrem milhares de imigrantes que partiram para tentar atravessar o mar e encontrar uma maior prosperidade.

Falando do mar, também não se pode esquecer a história dos baleeiros. Por vezes, há uma tendência para não lembrar isso. A história dos baleeiros começa sensivelmente no século XVI, Onésimo que me corrija se for o caso. E há alguma tempo a RTP fez um documentário notável em que se tinha que enfrentar o maior animal do mundo, em pequenos botes. Foi aventura de "ilhéus valentes dos Açores". Muitos eram camponeses que iam ao mar ganhar sustento. Com arpões e orações, deram caça às baleias durante décadas. Esta é uma história muito comovente, com profundas raízes americanas. Porque foram as grandes galés americanas que vinham aqui buscar os pescadores açorianos, e na opinião do próprio autor de 'Mobydick', eram os melhores pescadores de baleia.

Recentemente, Sidónio Bettencourt, jornalista da RTP, com base num documentário que tinha sido feito antes, publicou um maravilhoso livro de grande sensibilidade chamado 'Baleeiros em terra'. Note-se que o próprio Sidónio Bettencourt vem de uma família de baleeiros.

Neste conjunto de histórias e da história de 'Gente Feliz com Lágrimas', para usar a expressão de João de Melo que há pouco não citei, e para além dele citava também o Joel Neto, alvo de uma perseguição política absurda. O ponto comum era a percepção de que não tinham futuro nos Açores e que era preciso sair, ir buscar uma vida melhor.

Ao falar do mar e da Região, também não podemos esquecer a intensidade dos ataques dos piratas. Os ataques dos piratas vêm também muito cedo, começaram no século XVI e prologaram-se até ao século XVIII. A intensidade e ferocidade dos ataques dos piratas levaram a um fenómeno que sempre me fez confusão: agora já não, está tudo mudado, mas nos meus tempos de jovem, as casas nunca tinham a frente virada para o mar. Eram sempre as traseiras que estavam viradas para o mar, ainda com receio das invasões dos piratas.

Entre a vasta bibliografia que há sobre isto, há um estudo bastante interessante de Adelino Rodrigues da Costa, publicado pela academia da Marinha, e que se chama 'Histórias marítimas dos Açores, histórias e combates, piratas e corsários, temporais e naufrágios, perdições e outras histórias marítimas'. É, de facto, muita coisa para uma só Região e para uma só população.

(Conçlui pág.s 8 e 9)

"Impressiona que em terras tão afastadas do continente, tão maltratadas pelo continente fosse possível que surgissem fábricas..."

(Continuação pág. 7)

O ciclo da laranja e o acesso às universidades

Essas situações que tenho descrito eram, de alguma forma, atenuadas por um factor que era o comércio intercontinental. Os Açores, pela sua situação geográfica, faziam muitas vezes transacções quer com mercadores norte-americanos, quer com mercadores europeus. Mas essas transacções tinham uma particularidade. Eram sempre, ou quase sempre, monolíticas, isto é, os mercadores vinham cá buscar um determinado produto e não outro. E, se nesse ano, o produto não tivesse corrido bem, não havia esse negócio. Há um período especialmente próspero, que é o período da laranja, como toda a gente se lembra, e neste período há uma açoriana que é Sacuntala de Miranda , infelizmente já falecida, que escreveu um livro interessantíssimo chamado 'O ciclo da laranja e os gentleman farmers da ilha de São Miguel'.

Quando num ano, ou o produto passava de moda nos mercados internacionais, ou não havia produção local, estava tudo muito mau. Era a situação muito pior.

Mas para além destas situações mais dramáticas, há outra de que me integrei e que era a de estudar na universidade.

Hoje, estamos na Universidade dos Açores, fruto do 25 de Abril, que não existia antes. E, portanto, não era possível procurar obter uma licenciatura em qualquer especialidade sem sair das ilhas. Embora isto tenha sido, muitas vezes, tema de discussão, o que é certo é que só já muito perto do fim do antigo regime, a reforma de Veiga Simão apontou no sentido da criação de universidades descentralizadas, entre as quais, a dos Açores, que, no entanto, só em 1976 viria a ser institucionalizada.

Houve momentos que a Universidade dos Açores teve um vigor extraordinário. No século XX, - e a maioria de vós não se lembrará disso -, era muito difícil entrar nas universidades continentais. Uma coisa que ainda hoje se coloca que é o *numerus clausus*, nessa altura ainda era mais difícil e, portanto, muitos alunos continentais vinham para os Açores para poderem estudar na Universidade. E, também vinham vários professores de fora para leccionar na Universidade. E isto contribuiu muito para alterar o ambiente nas ilhas dos Açores e, particularmente, em São Miguel.

Devo contar que quem, como eu, foi estudar para Lisboa em 1970, e o doutor João Bosco Mota Amaral ainda mais do que eu seguramente, foi encontrar o modelo salazarista de universidade. Salazar tinha uma ideia muito paternalista da universidade. Há uma declaração sintomática dele que é esta: "Educar não é simplesmente instruir, é cultivar todo um ser. Desenvolver-lhe todas as faculdades integralmente e harmonicamente. Educar é dar a Deus bons cristãos, à sociedade cristãos úteis, à família filhos ternos e pais exemplares. Grande obra é moldar uma ama. Extraordinária obra é formar um carácter, um indivíduo e um corpo. Uma inteligência e uma vontade que nos precisa para ser grande este pobre país de Portugal".

Estamos, portanto, perante uma opinião completamente de catequista, para chamar as coisas pelo seu nome. Uma espécie de catequese para adultos, trata-se de formar pessoas boazinhas. Não se trata de formar pessoas que se vão beneficiar elas próprias numa nova cultura e que vão auxiliar o seu pais, as suas regiões, os pontos de onde vêm.



"Tinha uma relação de quase paixão pela conserveira 'Corretora'..."

Mas há inúmeras declarações de pessoas ligadas ao antigo regime, entre os quais uma pessoa chamada Carneiro Pacheco, que foi Ministro de Educação e fez esta espantosa declaração: "Um lugar para cada um, e cada um no seu lugar". Explicitou que para Salazar, o filho do agricultor devia de aspirar a ser agricultor.

Ora, ainda nos anos 30, portanto antes dessas declarações motivadoras que vos acabo de referir, Ortega y Gasset, grande filósofo espanhol, num livro intitulado 'A missão da Universidade', escrevia e passo a citar: "Anuncia-se com grande vigor o movimento pelo qual o ensino superior é primordialmente ensino de cultura ou transmissão à nova geração de sistemas de ideias sobre o mundo e homem que chegou à maturidade".

Consideramos, portanto, que o ensino universitário implica a integração destas três funções: transmissão da cultura, ensino das profissões e investigação científica. Hoje em dia, estamos aqui na Universidade dos Açores que tem uma missão em harmonia com o sistema universitário português que é de criar e difundir cultura, conhecimento e tecnologia, num respeito pela liberdade de pensamento e na valorização do exercício crítico, contribuindo para a educação superior e para a sociedade inspirada em valores humanistas que promovam desenvolvimento sustentável no bem-estar através do saber, da criatividade, da iniciativa e da cooperação. Portanto, tantos anos depois, de alguma forma, aquilo que Ortega y Gasset colocava, aparece-nos, actualizadamente, na missão das universidades.

Mas, se pensarmos agora especificamente nos Açores, temos que reconhecer que durante séculos a administração pública foi muito negligente quanto aos interesses açorianos. E isto viria a dar origem, particularmente no século XIX, a movimentos autonomistas de grande força.

Isto sucedeu particularmente na última década, entre 1891 e 1892, em que alguns acontecimentos de grande importância para o desenvolvimento futuro da administração insular, vieram a dar origem a uma corrente autonomista, com particular expressão em São Miguel. Foi assim que se gerou uma reacção intensa a quatro medidas governamentais entretanto decretadas e que os açorianos consideraram ser altamente lesivas do seu interesse: A unificação da moeda insular com a moeda continental, a extinção do Tribunal da Relação dos Açores e das Juntas Gerais e a apresentação no Parlamento de uma proposta de lei de monopólio do álcool.

No que diz respeito à unificação da moeda, ela teve como consequência uma alta geral dos preços já que a moeda insular era mais fraca que a continental em cerca de 25% e os açorianos cumpriam as suas obrigações naquela moeda. Quanto à extinção do Tribunal da Relação dos Açores, que o Governo justificava por razões económicas, fortemente rebatidas pelos açorianos, ela veio a não ter concretização nessa altura. O Tribunal da Relação viria a ser extinto, já na República, pelo Governo de Afonso Costa. Também a extinção das Juntas Gerais, apesar de todos os seus limites, levantou uma grande impopularidade porque se achava que, mesmo com os seus escassos recursos, as Juntas Gerais faziam coisas que importava manter. Mais importante que tudo isto, foi a questão das fábricas de álcool que teve consequências muito pesadas sob a economia açoriana.

No inicio de Março de 1893 surgia a luz do dia o jornal 'Autonomia dos Açores', dirigido por Aristides da Mota. Nas primeiras páginas do editorial referia-se logo que, dos melhoramentos públicos só temos aqueles que o Governo da capital tem julgado necessários para avolumar a capacidade tributária. O senhor tem alimentado o escravo apenas o suficiente para lhe explorar o trabalho. E esse é o tom de muitos dos escritos dessa época.

Foi-se formando o movimento reformador, uma comissão de autonomia que juntava diversas figuras importantes, republicanos, progressistas, Aristides da Mota, Gil Montalverne Sequeira, José Maria Raposo Amaral, entre outros.

E nas eleições de 1984 foram eleitos três deputados autonomistas o que causou um enorme júbilo em São Miguel, até se recreou o hino de Maria da Fonte que dizia: "Hei avante açorianos, é já tempo, despertai, pela santa Autonomia, com denodo trabalhar".

Mais tarde, o Governo veio publicar o decreto de lei de 2 de Março de 1985, que concedia a Autonomia Administrativa aos distritos açorianos. É curioso porque em 1985 é também publicado o código administrativo de Hintze Ribeiro, o mais centralista de todos os diplomas que geriam a administração em Portugal.

Ascensão e queda das indústrias…

Note-se que, apesar de tudo isto, no final do século XIX e inicio do século XX, cresce o movimento de industrialização, sobretudo em São Miguel, porque era a ilha maior e onde haviam mais produções. Estes produtos que eram industrializados, estavam quase todos ligados à agricultura, mas não se pode dizer que esta produção industrial fosse suficiente para alterar o ambiente geral das ilhas, na medida em que empregavam relativamente poucas pessoas e ainda essas com origem nos produtos agrícolas.

Em todo o caso, impressiona que em terras tão afastadas do continente, tão maltratadas pelo continente, fosse possível que surgissem fábricas como as do tabaco, do chá, da borracha, do álcool, da cerveja, do açúcar e das conservas. Fábricas que revelam a intensidade e o empenho no progresso de muitos intelectuais, muitos empresários, muitas figuras de relevo na sociedade açoriana. Ao longo do século XX, praticamente todas estas fábricas vieram a desaparecer. Uma das últimas resistentes foi a SINAGA, antiga fábrica do açúcar, acho que todos nós açorianos sofremos um pouco com isto. Era muito simbólica a produção de açúcar a partir da beterraba. Os Açores eram o único ponto do país onde isto se fazia. E acho extraordinária a forma como alguns empresários usam estratagemas relacionados com a concorrência para liquidarem com os adversários.

Entendamos, a fábrica de açúcar SINAGA tinha uma produção mínima de açúcar. Mesmo nos Açores, 2% da produção de açúcar era da SINAGA, mas mesmo assim os dois oliopolistas do açúcar, A RARE e a SIDUR, não descansaram enquanto não conseguiram liquidar a fábrica de açúcar nos Açores. Entretanto, estávamos no ciclo da vaca e a beterraba foi muito sacrificada, deixou de ser produzida, e a SINAGA passou a ter de importar cana-de-açúcar para poder fazer açúcar e, para isso, o governo concedia um subsídio. Mas, os oliopolistas continentais, até para o Tribunal de Justiça da União Europeia, foram protestar considerando que era um auxílio de Estado inadmissível e as coisas foram onde estão hoje, ou seja, no zero.

Com certeza que há-de aparecer ali algum

Tribunal Constitucional está a esvaziar ou a exprimir a Autonomia dos Açores



Intervenção de Eduardo Paz Ferreira despertou muito interesse...

grande aldeamento turístico ou qualquer coisa, mas tudo o que era esse património rico, e mostrar o que era a nossa força passada, tudo isto andou. Claro que restam umas coisas, resta designadamente a fábrica de chá que é um grande pólo de atracção para os turistas e fica esta idéia de que é a única fábrica de produção e apanha de chá na Europa. Depois, as conservas ainda continuam a existir com grande vigor, mas já não são as mesmas. Pessoalmente, quando era novo, tinha uma grande admiração, quase paixão pela Corretora. A Corretora ainda existe mas já não tem nada a ver com a Corretora que eu conheci. A que eu conheci tinha sido fundada por Cristiano Frazão Pacheco e, depois, foi o seu genro, Fernando Wallenstein Teixeira, a prosseguir o seu negócio.

Fernando Teixeira era uma personagem extraordinária. Acho que nunca aprendi tanto na vida com alguém, como aprendi com Fernando Teixeira. Algumas das coisas talvez seja bom não vos contar, mas em geral o que era a energia dele, a capacidade de avançar sempre sem se deixar abater, era uma coisa muito impressionante.

O que é que resta de todo este universo? Pouco. Mas é assim.

As relações financeiras entre os Açores e o Continente e a Autonomia Política

Entramos agora num complexo capitulo que ainda hoje, e estes dias, é debatido, que é o problema das relações financeiras entre os Açores e a Madeira e a República. Em várias campanhas autonomistas, os líderes fizeram sentir o seu incómodo, as suas dificuldades em diversos tons. Uma versão especialmente radical, é a de Montalverne Sequeira, reivindicando e cito: “Deixe-nos com os nossos próprios recursos já que lhe falta tino para dirigir e governar”. Evidentemente é uma frase que alimenta muito o ego dos açorianos, é muito engraçada, mas que, além de mais, foi muito nociva porque criou a ideia de que afinal, se calhar, não era preciso mandarem dinheiro para os Açores. É evidente que no século XIX, os Açores não tinham receitas próprias que chegassem para os administrar, tal como continuam a não ter hoje.

Devo notar que essas reivindicações do século XIX são muito orientadas apenas para questões financeiras e administrativas. Não se põe ainda a questão de autonomia política. E a autonomia política só vai surgir com a constituição de 1976 e com os trabalhos que a antecederam. Hoje em dia, como sabem, a Constituição, artigo 25 da versão original, diz-nos que o regime administrativo dos arquipélagos dos Açores e da Madeira “fundamenta-se nas suas características geográficas, económicas, sociais e culturais e nas históricas aspirações autonomistas das populações insulares.” Há, se calhar, aqui algum exagero, mas é simpático. E há também, um velho rabugento professor de finanças públicas que diz que este é o artigo mais disparatado que já tinha visto na vida, porque nunca tinha visto um artigo a justificar porque é que era assim. Não deixa de ter alguma razão.

Por outro lado, o número dois do mesmo artigo explicita que e cito: “A Autonomia das regiões visa a participação democrática dos cidadãos, o desenvolvimento económico e social e a promoção e defesa dos interesses regionais, bem como o reforço de uma unidade nacional e dos laços de solidariedade entre todos os portugueses.” Por isso, já pude escrever um artigo intitulado: ‘Da pequena Autonomia de 1895 à Autonomia constitucional de 1976’, onde afirmei que, para compreender a problemática da organização político-administrativa dos arquipélagos dos Açores e da Madeira, não se pode esquecer a importância para que a mesma teve a percepção especial da comunidade portuguesa, brilhantemente analisada por José Medeiros Ferreira.”

Foi a consagração da autonomia política como nova e importantíssima contribuição para uma melhoria de vida nos Açores, mesmo que, ao longo das décadas seguintes, se tenham verificado situações de tensão e dificuldade de diálogo entre o Governo da República e os Governos Regionais.

Todos os que participaram no caminho autonómico, e temos aqui vários entre eles e que o dirigiram, sabem isto bem. A aprovação da Lei das Finanças das Regiões Autónomas que, como o doutor Mota Amaral salientou em alguns artigos, teve, além de mais, o mérito de ser aprovada por unanimidade na Assembleia da República, situação que hoje em dia, não tenhamos a mínima ilusão, não é possível. Na altura, foi um sinal de que era possível, de facto, acreditar então na Autonomia. Mas, os anos que se seguiram continuaram a ser anos complicados do ponto de vista financeiro entre o Estado e as Regiões com a ideia de que os Açores e a Madeira viviam à custa do continente.

Gostaria de salientar alguns aspectos: O primeiro é a necessidade de reforço da Lei de Finanças das Regiões Autónomas, garantindo melhor distribuição entre a riqueza nacional e as riquezas regionais. Os restantes são a definição de áreas concretas, importantes para as receitas regionais próprias.

“Vejo esta quantidade louca de hotéis novos em São Miguel.”

Penso, em primeiro lugar, no desenvolvimento turístico das ilhas e na reflexão necessária em seu torno. Lembro-me de ser muito novo, antes de partir para Lisboa, e já havia o mito de que o turismo tomaria conta dos Açores e isso seria um grande factor de progresso. Demoraram muitos anos, muitas décadas, mas parece que chegamos a esta fase. Grandes cadeias hoteleiras instalam-se, os açorianos, felizmente, resistem um pouco e vão fazendo hotéis de menores dimensões, mas tão atraentes como o do meu amigo Fernando Neves, o Hotel do Colégio.

Só que, o turismo açoriano choca-se com alguns problemas. Vejo esta quantidade louca de hotéis novos em São Miguel. Noutras ilhas não vejo, mas oiço falar, do Pico em especial. Todas as ilhas estão, aos poucos, a ficar dominadas pelo turismo. Isto parece-me extremamente positivo, parece trazer muitas receitas para a Região, mas a dúvida é se isto será assim tão linear. É que se continuarmos a aumentar o turismo da forma que tem aumentado, tenho muitas dúvidas que as pessoas se continuem a interessar por vir aos Açores. A maioria das pessoas que vêm aos Açores, vem à procura de ilhas limpas e ecológicas, onde se pode passear à vontade e fazer trilhos. Chega aqui e é esmagada pelas enormes camionetas de turistas, por hotéis de dimensão assim-assim (…). Isto é um bocadinho complicado. Depois, há a questão das infra-estruturas para o turismo. Toda a gente, mais ou menos, está de acordo que não existem as infra-estruturas necessárias para o turismo.

O que é tanto mais complexo tanto o turismo é sazonal e vai continuar a ser. Portanto, não me parece que o novo tempo nos preveja, no futuro, melhores dias. Devo contar uma história que não sei se é verdadeira mas que li na internet, assinada pelo senhor Jorge Ventura, que é presidente do Clube Naval das Lajes, nas Flores, e que publicou um texto sobre a visita do Emir do Qatar aos Açores. Com certeza que muitos repararam nisso, no iate de superluxo, quatro aviões, um rebocador e não sei quantas dezenas de pessoas da família em 15 dias de passeio nos Açores. A primeira ideia deles foi visitar a ilha das Flores e, sempre segundo Jorge Ventura, exigiram dois Bentleys para os passear na ilha e para que a Policia de Segurança Pública os servisse de guarda e batedor. Disseram-lhe que isto não era possível e foi-se embora. Foi para outras ilhas, que pelos vistos teriam Bentleys. Isto é impressionante porque, como infra-estrutura, ter Bentleys nas Flores não lembra ao diabo. Até porque estes Emires não são muitos e têm tantos sítios para ir que não se pode contar muito com eles.

Uma coisa, aparentemente é certa, de Portugal continental continuarão a vir muitas pessoas, apesar dos problemas que referi. É curioso, porque durante muito tempo, quando falava que era açoriano, era uma espécie rara. Na minha universidade, enfim, eu não tenho uma pronúncia muito açoriana, mas as pessoas que tinham era alvo de bullying por professores, colegas e tudo. Ser açoriano era uma coisa esquisita. E depois ninguém conhecia os Açores, toda a gente conhecia a Madeira. Diziam que a Madeira era magnífica e que os Açores eram só mau tempo e, então, não vinham para cá. Depois, aparentemente, aconteceu um milagre resultante da passagem de uma telenovela que se chamava ‘Ilha dos Amores’, que mostrava tanta beleza dos Açores que as pessoas começaram a vir. E isto inicia o grande ciclo de turismo continental para os Açores.

A minha mulher, que é de uma beleza extrema ela própria, a primeira vez que a trouxe a São Miguel, há 30 anos, a primeira coisa que ela me disse foi que depois de ter saído de África nunca tinha visto um sítio tão bonito como os Açores. Ela ainda hoje pensa isso, ainda hoje gosta tanto dos Açores e do marido, já agora (risos) que é sempre companhia para os Açores. Também há muitos restaurantes a abrirem mas isto não resolve nada. Os preços são elevadíssimos. Há hotéis com diárias de quase 1000 euros. Isto é uma loucura e vai acabar mal. Ou o mundo continua a piorar e há lugar para tudo isto ou é complicado. (...) Depois temos coisas que vêm de trás e que são óptimas para o turismo, claro está. Como o emblemático hotel Terra Nostra e o seu Jardim, o Jardim José do Canto, Jardim António Borges, a Fábrica de Chá da Gorreana, essa pequena maravilha perdida aqui no mar, e outras pequenas culturas como o ananás e os licores. (…)

A “controvérsia” do mar dos Açores

Tão importante, por ventura, é a questão do mar. Já aqui falei e vou voltar a ele. Desta vez não para fazer lamentações sobre piratas nem baleeiros, mas para lembrar da zona económica exclusiva dos Açores, que é maior 55% do que a zona exclusiva de Portugal continental. E essa zona marítima tem dado origem a uma controvérsia enorme: Se é portuguesa ou se é açoriana. E há uma jurisprudência muito variada e muito desagradável por parte do Tribunal Constitucional, que há semelhança dos acórdãos do Tribunal Constitucional que digam respeito às Regiões, trata muito mal a Região. Ainda me lembro, a propósito do curso de biologia marítima, - o doutor Carlos César era Presidente do Governo - estava cá o embaixador de França, e ele foi almoçar com ele e Carlos César disse: vocês andam distraídos. O embaixador perguntou porquê, ao que o Presidente respondeu: que todos os países já tinham mandado para cá espiões para as aulas de biologia e eles ainda não. É melhor talvez mexerem-se, e digamos que há esta tendência para ver o que há por cá.

Mas, o que é certo é que, voltando à tal questão da jurisprudência do Tribunal Constitucional, é curioso, há um grande publicista italiano, que já morreu, MS Giannini, que a propósito das regiões italianas dizia que “eram contentores, razoavelmente preenchidos e que se tratava apenas de se assegurar que ficariam convenientemente arrumados”, tarefa em que a jurisprudência constitucional teria necessariamente uma palavra decisiva.

Aquilo que no nosso caso, creio ter acontecido é que, na prática, a jurisprudência constitucional tratou de esvaziar os contentores ou, pelo menos, de os comprimir de tal modo que o seu conteúdo passou a ter uma visibilidade extremamente reduzida.”





PONTA DELGADA | LARGO DA MATRIZ, 35 - TELEFONE: 296 206 160

Pub.



Pub.

O nosso contributo para a **saúde cerebral**

www.gorreana.pt

CIENTIFICAMENTE COMPROVADO



CHÁ VERDE SAÚDE CEREBRAL (SAQUETAS) 40 GR

Benefícios:

- Promotor das funções cognitivas, retardando o processo de envelhecimento e consequentemente reduzindo a degenerescência cerebral que aumenta com a progressão da idade.
- Ação relaxante pois reduz a ansiedade e o stress.
- Melhora a qualidade do sono, por estimular a serotonina que é importante para a produção de ondas alfa no cérebro.
- Melhora a função vascular e ajuda a minimizar as doenças cardiovasculares.

Pub.



Pub.



Pub.



Pub.



Grupo SATA com prejuízo de 45 milhões de euros no primeiro semestre de 2024

No primeiro semestre de 2024, o Grupo SATA transportou 1,174 milhões de passageiros, correspondendo a mais 166 mil passageiros (+16%), quando comparado com o período homólogo.

A capacidade disponibilizada registou um aumento de 13% versus o primeiro semestre de 2023, traduzindo-se num incremento geral da taxa de ocupação média (load factor) do Grupo em 2,6 pontos percentuais, cifrando-se em 78,6%.

O crescimento contínuo das receitas mantém-se em 2024, atingindo cerca de 180 milhões de euros, o que representa um aumento de cerca 32 milhões de euros (+22%) quando comparado com o período homólogo de 2023.

No entanto, a pressão sobre os custos fez recuar o EBITDA para 6,5 milhões negativos, que compara com os 3,6 milhões de euros positivos verificados no primeiro semestre de 2023.

O Resultado Líquido do Grupo SATA foi afectado pela pressão provocada pelo aumento dos custos operacionais, bem como nos gastos financeiros, fixando-se nos 45 milhões negativos.



Azores Airlines com prejuízo de 37,8 milhões de euros

SATA Air Açores com prejuízo de 9 milhões de euros

A SATA Air Açores transportou 427 mil passageiros, +6% face ao 1º Semestre de 2023, tendo sido atingido um load fator de 74,5%, superior ao load factor do período homólogo (70,6%).

A receita no 1º Semestre de 2024 atingiu os 51,4 milhões de euros (mais 6,1 milhões de euros quando comparado com o 1º Semestre 2023, +13,4%).

O Resultado Operacional antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (EBITDA) foi negativo em 1,2 milhões de euros, que compara com os 0,1 milhões negativos verificados no 1º Semestre de 2023.

O Resultado Líquido no 1º Semestre de 2024 foi negativo em 9 milhões de euros, que compara com um resultado líquido negativo de 11,4 milhões de euros no período homólogo.

A SATA Air Açores apresentou um total de receita no 1º Semestre de 2024 de 51,4 milhões de euros, representando um acréscimo de 13,4% face ao 1º Semestre de 2023.

Este acréscimo de receita reflecte o aumento do número de passageiros transportados, +23 mil passageiros (+6%) face ao 1º Semestre de 2023.

A taxa de ocupação média dos voos (load factor) teve um aumento quando comparado com o período homólogo, tendo sido de 74,5% no 1º Semestre de 2024, +3,9 pontos percentuais, face ao 1º Semestre de 2023.

Os custos operacionais no acumulado do 1º Semestre de 2024 totalizaram 52,7 milhões de euros, +16% que o verificado no período homólogo, devido sobretudo ao aumento de custos com pessoal, decorrente do aumento do número de efectivos e das valorizações salariais sendo em parte associadas aos novos acordos da Empresa.

Este custo operacional deveu-se também aos custos com irregularidades / indemnizações e ACMI; custos directos, nomeadamente, combustível, taxas, catering, etc.; e gastos com manutenções de aeronaves, fruto de eventos de manutenção não programada sobre a frota da companhia.

Verifica-se, assim, que o incremento dos custos operacionais resultou, por um lado, de factores relacionados com a actividade operacional da empresa (ACMI's; irregularidades e manutenção), e, por outro, de factores referentes ao acréscimo de custos decorrente do enquadramento macroeconómico internacional em que a SATA Air Açores se move, tornando-a vulnerável à evolução dos custos de alguns fornecimentos e serviços externos que dificilmente consegue mitigar, nomeadamente os custos com combustíveis.

Considerando o aumento dos custos superior à receita, assistiu-se a uma deterioração do resultado operacional antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (EBITDA) face a 2023.

No 1º Semestre de 2024 o EBITDA foi negativo em 1,2 milhões de euros, que compara com 55 milhares de euros negativos no 1º Semestre de 2023.

Os resultados operacionais foram amplamente afectados pelas irregularidades (indemnizações + ACMI's) verificadas no primeiro semestre de 2024. Excluídos esses impactos, a SATA Air Açores teria alcançado um resultado operacional muito semelhante ao ano anterior.

O resultado líquido, por sua vez, registou melhorias comparativamente ao período homólogo, sobretudo devido à redução do impacto dos encargos financeiros nas contas da companhia (resultado da amortização antecipada dos 60 milhões de euros em Setembro de 2023).

Azores Airlines com prejuízo de 37,8 milhões de euros no 1º Semestre de 2024

No 1º Semestre de 2024, foram transportados 747 mil passageiros, +24% face ao 1º Semestre de 2023, com um load fator de 81,1% (+1 ponto percentual face ao 1º Semestre de 2023).

A receita totalizou 135,5 milhões de euros (+24,4 milhões de euros quando comparado com o 1º Semestre de 2023).

O Resultado Operacional antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (EBITDA) fixou-se em 4,9 milhões de euros negativos.

O Resultado Líquido no 1º Semestre de 2024 foi negativo em 37,8 milhões de euros.

No 1º Semestre de 2024, a Azores Airlines atingiu os 135,5 milhões de euros de receita, +22% quando comparado com o 1º Semestre de 2023. Este crescimento deveu-se a um conjunto concertado de iniciativas operacionais e comerciais e de apostas em novas rotas.

Verificou-se não só a consolidação das rotas da América do Norte como também o sucesso das novas rotas, como Ponta Delgada – Milão e Ponta Delgada - Faro, ainda que a operação se tenha iniciado apenas em Junho (sendo de esperar um maior impacto nos restantes meses de verão).

Na sequência deste esforço operacional e comercial, a Azores Airlines atingiu, no 1º Semestre de 2024, um volume de 747 mil passageiros transportados, +24% quando comparado com o 1º Semestre de 2023.

O aumento do tráfego, segundo o grupo empresarial, "foi impulsionado pelo aumento da conectividade dentro da rede, pelo maior número de rotas operadas, pela inclusão de aeronaves de maior dimensão na exploração de algumas das referidas rotas e beneficiando da maior notoriedade da Azores Airlines em mercados estrangeiros e forte procura por parte dos passageiros na América do Norte. Apesar do forte impulsionamento das receitas, o 1º Semestre registou igualmente um crescimento dos custos operacionais, em consonância com vários outros players de mercado. "

Após um 1º Trimestre muito marcado por irregularidades provocadas sobretudo por questões meteorológicas e atrasos na entrega de aeronaves que estavam em manutenção, a Azores Airlines verificou um início de 2º Trimestre igualmente desafiante, especialmente devido a irregularidades provocadas por eventos de manutenção não programados, originando um aumento de custos com indemnizações e irregularidades de +868 milhares de euros, +44,1%, face ao período homólogo.

Excluindo estes custos, os fornecimentos e serviços externos aumentaram devido gastos com combustíveis, através do efeito conjunto do aumento do preço e aumento de consumos; e gastos com ACMI (aluguer de aeronave, tripulação, manutenção e seguros), fruto do início da exploração da operação programada de Verão e da contratação deste tipo serviço para colmatar falhas na frota e garantir o serviço ao passageiro; além de gastos com manutenção.

Os custos com pessoal também aumentaram, devido ao aumento da actividade operacional conciliada com os impactos dos novos acordos da Empresa que entraram em vigor a partir de 1 de Abril de 2024.

Assim, à semelhança da SATA Air Açores, verifica-se que o incremento dos custos operacionais da Azores Airlines resultou, por um lado, de factores relacionados com a actividade operacional da empresa (aumento de actividade, ACMI's, irregularidades e manutenção), e, por outro, de factores referentes ao acréscimo de custos decorrente do enquadramento macroeconómico internacional em que a Azores Airlines se move, tornando-a vulnerável à evolução dos custos de alguns fornecimentos e serviços externos que dificilmente consegue mitigar, nomeadamente os custos com combustíveis.

No caso concreto da Azores Airlines, verifica-se um facto que poderá justificar "a redução da rentabilidade verificada no 1º Semestre, nomeadamente o facto de a companhia ter incrementado de forma muito expressiva a sua oferta em algumas rotas novas que, sem prejuízo do aumento verificado em termos de passageiros, carece ainda de um grau de maturidade que permita manter ou incrementar o nível de rentabilidade, facto que se espera que venha a acontecer no próximo semestre."

SATA gestão de aeródromos com 228 mil euros positivos

A receitada SATA Gestão de Aeroportos totalizou 2,6 milhões de euros (+719 milhares de euros quando comparado com o 1º Semestre de 2023 (e o Resultado Operacional antes de juros, impostos, depreciações e amortizações (EBITDA) totalizou 55 mil euros negativos.

O Resultado Líquido no 1º Semestre de 2024 foi positivo em 228 mil euros.

A SATA Gestão de Aeródromos registou um incremento de receita em linha com o aumento de tráfego nos aeroportos da Região. As vendas e serviços prestados alcançaram no 1ºSemestre de 2024 um total de 2 milhões de euros, que compara com 1,9 milhões de euros verificados no 1ºSemestre de 2023, traduzindo-se em +6%.

Em adição às vendas e serviços prestados, foi registada uma estimava de Reequilibrio Financeiro no valor de 598 mil euros, referente o período decorrido do 4ºano de exploração do contrato de concessão.

Os custos operacionais, por sua vez, aumentaram cerca de 115 mil euros, +4%, nos quais se destaca o aumento dos gastos com pessoal decorrente dos impactos dos novos acordos da Empresa. O EBITDA registado foi negativo em 55 mil euros, 604 mil euros menos negativo que o resultado do período homólogo. O resultado líquido da Empresa registou uma evolução bastante positiva, tendo passado de 506 mil euros negativos para um resultado líquido positivo de 228 mil euros.

AUTOdestaques
As nossas sugestões em automóveis, motos, oficinas, serviços auto e muito mais!

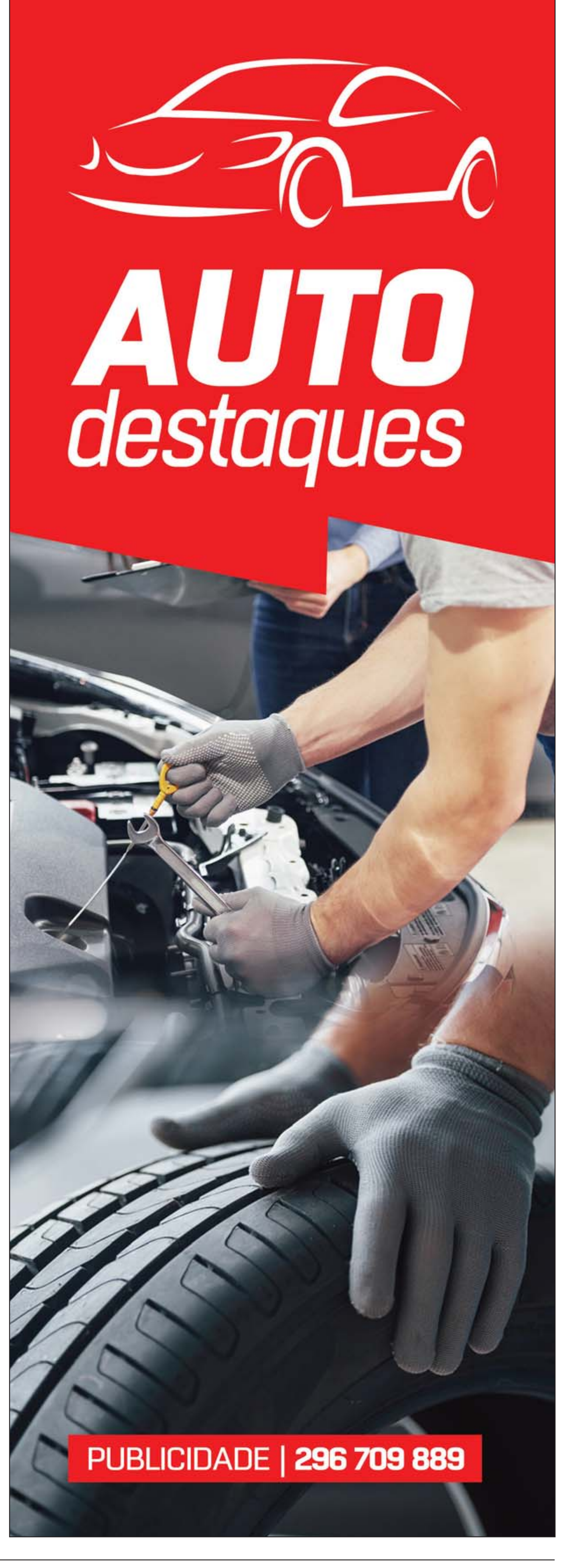
PUB



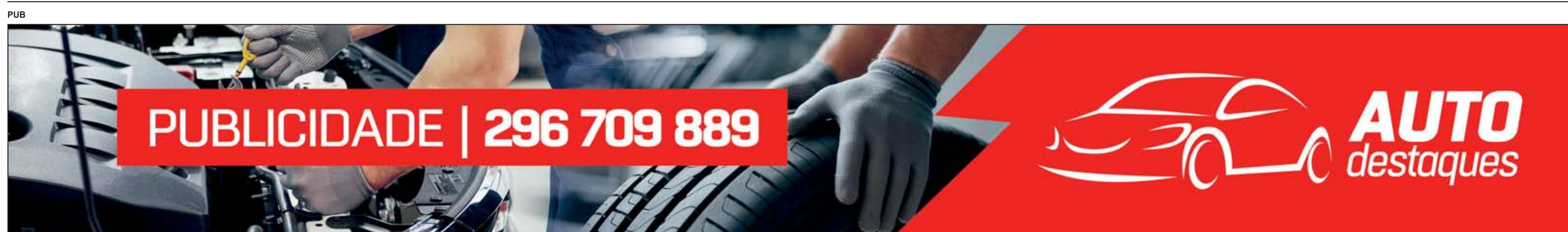
PUB



PUB



PUB



O estado da Região – onde estamos para onde vamos

Conferência proferida por Américo Natalino de Viveiros quinta-feira, dia 18 do corrente, promovida pela Associação Seniores de São Miguel no Hotel Marina Atlântico, em Ponta Delgada, com a jornalista Teresa Nóbrega a apresentar o orador.

Como eram os Açores no século XX

É importante relembrar os progressos que se deram no Século XX na ciência e na tecnologia, embora apesar desses importantes avanços, a humanidade não ficou imune a novas epidemias como a que aconteceu já no século XXI com a COVID 19, que provocou a morte a mais de seis milhões de pessoas no mundo, de acordo com os números conhecidos pela OMS, e que teve como se sabe enorme impacto nas economias mundiais onde se incluiu a nossa Região, sem esquecer o choque que teve nas pessoas em geral, e nas famílias em particular.

Para podermos falar sobre o estado da Região temos de recuar, necessariamente, ao século XX e lembrar as mudanças que se deram, em várias partes do mundo e que tiveram grande impacto, pelos avanços civilizacionais, que foram conseguidos devido às alterações políticas operadas em diferentes países e continentes.

No entanto, como em tudo, há quase sempre o reverso da medalha, e o Século XX foi marcado, na primeira metade, como o "período de grandes massacres" consequentes de duas grandes guerras, uma das quais com o epicentro no coração da Europa.

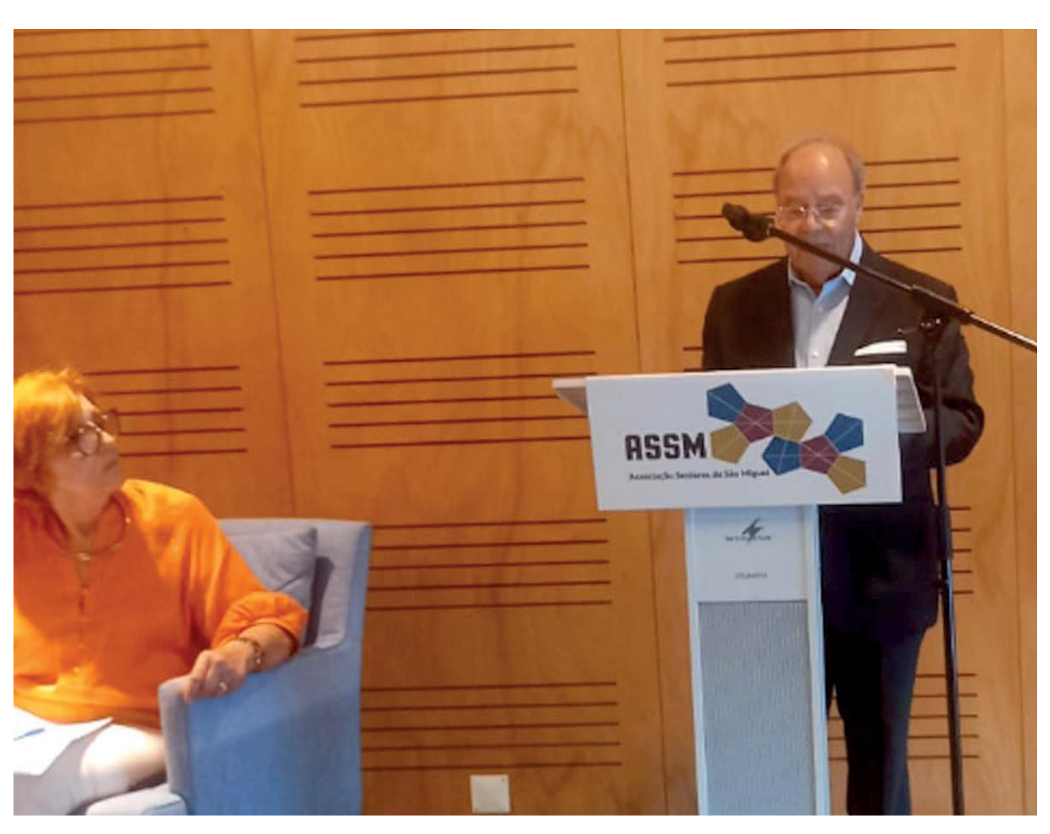
A segunda metade foi um período assombroso pelas revoluções que aconteceram nesse período, fazendo com que parte das armas que sustentavam inúmeras ditaduras, acabaram vencidas pela força e resistência popular.

A guerra fria serenou entre a Rússia e os Estados Unidos da América, e fez com que nesse período caíssem ditaduras ferozes, abrindo-se as janelas da democracia aos países que, embora situados na Europa, estavam subjugados pela União Soviética.

Mas a história repete-se hoje, com duas guerras que decorrem, uma na Europa entre a Ucrânia e a Rússia em que esta mantém o sonho dominador de outrora, enquanto a outra trava-se no Oriente, entre israelitas e islamitas, onde nem Cristo conseguiu reconciliar e juntar esses povos.

As grandes mudanças no crepúsculo do século XX, deram-se porque houve uma plêiade de dirigentes mundiais que foram decisivos nas mudanças políticas que se operaram.

Lembro que João Paulo II, " o Santo que veio aos Açores" liderou essa mudança com o apoio de outros estadistas como os Presidentes dos Estados Unidos da América Ronald Regan; da França, François Mitterrand; da Inglaterra, Margaret Thatcher; e com o valioso contributo de Mikhail Gorbachev, presidente da União Soviética, que perante o colapso iminente da União, abriu as portas que levaram à queda do muro de Berlim e subsequente unificação da Alemanha, selando-se desse modo o fim da guerra fria.



"Depois do 25 de Abril, a Autonomia Democrática nasce como consequência de um projecto que se transforma numa revolução pacífica feita pelos Açoreanos..."

Seguiu-se, depois, os levantamentos populares na Polónia com Lech Walesa a liderar a queda do regime comunista, ao que se seguiu o derrubo de outras ditaduras, com destaque para a Roménia, a Hungria, a Checoslováquia e, por fim, o desmembramento da União Soviética, que levou à outorgada independência da Ucrânia, da Geórgia, do Cazaquistão, e da Bielorrússia, determinando a criação de uma nova Comunidade de Estados Independentes. Além dos políticos que são nomeados muitos outros contribuíram para as mudanças operadas nos últimos anos do século XX.

Nesse período, Portugal tinha feito a transmutação do regime com a revolução do 25 de Abril de 1974, e sete meses depois, quando muitos dos participantes do 25 de Abril se preparavam para a instauração de uma República de extrema-esquerda assente no modelo cubano, o MFA foi obrigado a revalidar a revolução como um projecto democrático.

A 25 de Novembro de 1975 pode dizer-se que começou a moldar-se o regime democrático porque a Assembleia Constituinte sobreviveu aos intentos dos extremistas revoltosos.

Depois deu-se início à independência das colónias em África, enquanto nos Açores, já se reclamava desde o 25 de Abril, por uma Autonomia ampla e com governo próprio. Sem o estatuto de colónia, a Região era tratada, vezes sem conta, pior do que as colónias que acederam à independência em 1975.

"As Ilhas eram sempre lembradas como adjacentes e delas o Estado apenas se interessava pelos impostos que nelas eram gerados, e que por lei eram receita devida ao Estado e para ele era enviada, mesmo quando os negócios de Ilha para Ilha eram taxados pelas Alfândegas Distritais como de importações/exportações se tratasse"

As Ilhas eram sempre lembradas como adjacentes e delas o Estado apenas se interessava pelos impostos que nela eram gerados, e que por lei eram receita devida ao Estado e para ele era enviada, mesmo quando os negócios de Ilha para Ilha eram taxados pelas Alfândegas Distritais como de importações/exportações se tratasse.

Além disso, Portugal ia auferindo benefícios que eram trocas de favor resultantes das facilidades militares concedidas aos países amigos, sobretudo aos EUA, em troca da votação contra a crescente pressão que era feita por vários Estados na ONU, exigindo que Portugal outorgasse a Independência a todas as colónias ultramarinas.

Durante a II Grande Guerra na Europa, apesar da neutralidade apregoada por Salazar, ele usou os Açores como moeda de troca durante a guerra, com os riscos de sermos invadidos pelos alemães, que navegaram em águas Açoreanas.

Isto é, por sermos Adjacentes, não tínhamos direitos, tínhamos apenas obrigações para com o Estado, facto que vinha desde o povoamento das Ilhas, mas que cresceu depois do derrubo da Monarquia e mais tarde com a implantação da República em 1910.

Depois do 25 de Abril, a Autonomia Democrática nasce como consequência de um projecto que se transforma numa revolução pacífica feita pelos Açoreanos, que perceberam a proposta que lhes foi apresentada pelo Partido Popular Democrático dos Açores, fazendo-os tomar consciência da sua identidade própria, das suas raízes históricas, e da cultura que geraram e consolidaram durante séculos nestas Ilhas.

Pode dizer-se que no século XX o regionalismo ganhou força e espaço, e a democracia abriu portas à criação de novos Estados, e a novas Regiões Autónomas.

Na altura estávamos a 24 anos de chegar ao século XXI e a caminhada, para se chegar onde se chegou, não foi fácil. Ela foi dolorosa e a batalha foi dura. Ficaram feridas abertas, que foram sarando com o decurso do tempo.

Depois das primeiras eleições para a Assembleia Legislativa dos Açores e da sua instalação e posse do I Governo Regional, foi frequente a desconfiança entre a Região e a República, facto que o diálogo por si só, não conseguia ultrapassar, tendo sido necessário usar um exercício perseverante, que a política e os políticos têm de possuir e saber aplicá-lo para capazmente vencerem as barreiras e abrir novos horizontes, que no caso, a Constituição consagrou para os Açores e para a Madeira.

É importante registar para memória futura nomes de Deputados que, além dos cinco que foram eleitos pelos Açores para a Assembleia Constituinte, entre eles o Primeiro Presidente do Governo, Doutor João Bosco Mota Amaral, contribuíram para que fosse aprovado na Constituinte o projecto da Autonomia, os deputados que perceberam a importância e as razões de base para a sua aprovação, entre eles, Francisco Sá Carneiro, Pinto Balsemão, Mário Soares, Mota Pinto, Jaime Gama, Barbosa de Melo, Cunha Leal, Jorge Miranda, Medeiros Ferreira, Mário Mesquita e José Luís Nunes, que apesar de algumas divergências relativamente ao projecto em debate, conseguiram criar consensos que resultaram na arquitectura da Autonomia Politica e Administrativa dos Açores e da Madeira, que a Constituição de 1976 consagrou.

(Continua pág. 14)

"Continuaremos a ser uma Região Autónoma ou passaremos a um Estado Regional? ou a um Estado Federal?..."

(Continuação pág. 13)

Os Açores, naquela altura, eram nove Ilhas que se queriam encontrar, mas faltavam os meios para que pudesse ocorrer tal encontro. Nasceu então a necessidade de criar, com determinação e com urgência, a forma e os procedimentos necessários para conceber a unidade dos Açores e dos Açoreanos, objectivo que assentava no lançamento de projectos de desenvolvimento social, económico e cultural, mediante políticas de igualdade de oportunidade para todos, combatendo a descriminação entre Ilhas e garantindo, desde logo, o acesso igual à educação, e à saúde, assim como à mobilidade dos Açoreanos no seu próprio território.

Na vigência da Autonomia os Açores mudaram, a sociedade abriu-se ao debate, a paixão pelo desenvolvimento era coisa de todos os Açoreanos que opinavam, sem rebuço, sobre as medidas e as opções políticas dos Governos.

Era uma sociedade exigente, empenhada e mobilizada.

Enquanto isso, a Autonomia consolidou-se. Foram feitos, em termos estatutários, os aperfeiçoamentos que a experiência aconselhou e que o Tribunal Constitucional permitiu nalguns importantes poderes que são da Região.

Durante os 48 anos que já contam, a Autonomia tem tido vários andamentos.

Foi progressiva durante vários anos, pela firmeza política com que eram defendidas as competências da Região e se reclamava o cumprimento das obrigações do Estado para com o regime autonómico. Depois, o segundo andamento assentou na Autonomia tranquila, mas tal tranquilidade que teve como origem a aprovação da Lei das Finanças Regionais que foi obra do Ministro das Finanças, António Sousa Franco, que era um profundo conhecedor e apoiante da Autonomia. Depois passou a uma Autonomia dialogante, e acabou por ficar no andamento cooperante, cujos resultados encalharam na cooperação que deixou de existir até ao presente entre a República e a Região Autónoma dos Açores.

O problema é que durante o percurso de 48 anos de Autonomia, na última década e meia, deixou de haver a cooperação entre o Estado e a Autonomia Regional, violando-se a política de coesão territorial que é um catalisador para aumentar o financiamento público e privado, medida que é uma obrigação dos Estados-Membros da União - assegurar com verbas do orçamento nacional, para fomentar a confiança dos investidores, compromisso que sendo apregoado pela República e pela União Europeia, não tem tido aplicação na Região, servindo apenas de bandeira para ser usada sempre que necessário pelos responsáveis políticos nacionais. Promessas feitas são várias, mas não cumpridas.

Pergunta-se como vai a Autonomia de hoje. Para responder à pergunta, temos antes de reconhecer que as mudanças operadas nestas últimas décadas, as quais passaram também pela Região, criaram novos hábitos, novas necessidades, novos conceitos de vida e outros valores.

Como em tudo, nestas alterações há o positivo e o negativo e a virtude está em encontrar-se o equilíbrio entre os dois pólos, o que deve ser trabalhado por quantos aceitam a responsabilidade política da governação, assim como os Deputados eleitos, que devem ser os ouvidores e os assistentes dos cidadãos eleitores.



"Falta na Região uma Sociedade Financeira e de Desenvolvimento, com a missão, de apoiar as empresas do sector industrial desde a sua constituição até à sua internacionalização"

Por isso, a sociedade Açoreana tem de ser exigente para com os seus representantes, mas para isso impõe-se também que ela assuma as limitações que a nossa condição arquipelágica impõe.

É voz corrente de que é preciso reformar o regime democrático tornando-o mais participativo, para que os cidadãos se organizem, valorizem a sua capacidade, exerçam os seus direitos de cidadania, avaliando as opções e as decisões políticas que condicionam o futuro de gerações inteiras, o que para ter sucesso tem de ser acompanhado pela razão, e pelo princípio segundo o qual, a liberdade de cada um, acaba onde começa a liberdade do outro.

Estamos a celebrar os cinquenta anos da revolução de Abril e, a dois anos da comemoração de meio século da aprovação da Constituição de 1976 que consagrou a Autonomia Democrática dos Açores e da Madeira.

Sentimos necessidade de dar um passo em frente para responder a certos anseios que se sente na sociedade, mas para tanto precisamos de juntar pensamento para aquilatar como estão os Açores depois de meio século de Autonomia e Democracia, assim como o que queremos e precisamos para enfrentar as exigências do próximo meio século.

Neste mundo global estamos todos em rede. Sentimos os efeitos daquilo que acontece de positivo e de negativo em qualquer ponto do globo. Não podemos ficar indiferentes ao que se passa em Lisboa, em Bruxelas, em Washington, em Pequim, em Moscovo, na África ou no Médio Oriente e, por isso, temos de pensar no que por aí vem e que directamente nos toca, neste caso seja da Europa, do País ou mesmo da Região.

Pensa-se na necessidade de rever a Constituição, mas é preciso saber o que precisa ser revisto para que não se corra o risco dela ser atraiçoada pelos extremismos de alguns pensantes que se tornaram guardas da moral política.

"Não pode haver preconceitos quando se discute o futuro dos Açores, e o debate deve ser aberto, livre e profundo tendo como princípios a Região que somos e a regionalização que está pendente de se fazer no continente. Com os Deputados Europeus eleitos nos Açores espera-se que a nossa presença na Europa seja ampliada e revalorizada na pluralidade dos espaços regionais..."

Para contrapor tão preocupante desgaste que se apoderou das pessoas e da sociedade em geral, só há um caminho que é: reagir, participar, contribuir, e exigir, tendo como alicerce entre outros, 4 pilares que a meu ver são fundamentais, para o futuro e que são:

O Papel que devemos ter enquanto Região perante o país, a Europa e no Mundo.

O Modelo de Desenvolvimento Económico que temos conservado e o que precisamos corrigir para o futuro.

A Regeneração da Matriz Social.

A Reabilitação da Identidade Cultural Açoreana.

O Papel dos Açores no País, na Europa e no Mundo

Os Açores são, como se sabe, a fronteira onde acaba a Europa e começa a América, o que nos coloca no centro da geopolítica e da geoestratégia entre esses dois blocos, sem esquecer que somos a ponte que junta esses dois continentes no meio do Atlântico.

As consequências das boas e das más decisões políticas também nos dizem respeito e por isso a Região tem de cuidar mais da sua participação nos fóruns internacionais. Mostrar a importância do mar que temos e ganhar, desse modo, o peso que já tivemos e continuamos a ter sobretudo quando se geram conflitos entre os gigantes que dominam o mundo.

Entretanto, mais dia, menos dia, chegará o momento da Assembleia Legislativa dos Açores ser confrontada com o que pomposamente se tem chamado de "Reforma da Autonomia", proposta que se arrasta há quase uma década, e continua aguardando no limbo.

Como não houve ainda qualquer reforma, é altura de se aproveitar este interregno para uma reflexão sobre os 47 anos de Autonomia que temos, pensar que Autonomia haverá no futuro, quando está suspensa a regionalização do continente, e nesse quadro politico, conjecturarmos onde se colocarão as Regiões Autónomas se houver a regionalização continental, e desde já acrescento a seguinte pergunta:

Continuaremos a ser uma Região Autónoma, ou passaremos a um Estado Regional? ou a um Estado Federal?, desde que pela regionalização do continente, Portugal se torne numa Federação.

Não pode haver preconceitos quando se discute o futuro dos Açores, e o debate deve ser aberto, livre e profundo tendo como princípios a Região que somos e a regionalização que está pendente de se fazer no continente. Com os Deputados Europeus eleitos nos Açores espera-se que a nossa presença na Europa seja ampliada e revalorizada na pluralidade dos espaços regionais, por sermos uma Região ultraperiférica, mas dotada de um valor estratégico impar no Atlântico Norte. Os Açores com a sua superfície marítima de 984,300K2, representa 57% da ZEE do país. Os Açores é que dão valor e dimensão marítima a Portugal. Somos um activo tangível que o País conserva mas não valoriza a bem da Região.

O Modelo de Desenvolvimento Económico que falta

O Modelo de Desenvolvimento Económico que temos deixou de ser uma preocupação da generalidade dos políticos e também da sociedade civil.

Estamos à porta do novo Quadro Comunitário de Apoio que vai até 2030, e independentemente do envelope financeiro que está ou vai ser reservado à Região, é preciso saber como vão ser aplicados os novos recursos financeiros, mas antes é importante saber e calcular se necessário, qual foi o verdadeiro impacto que os recursos anteriores do quadro que agora termina, tiveram na economia Açoreana.

É importante conhecer-se qual foi o contributo de todos os apoios Europeus que a Região recebeu desde os anos de 1992 até 2020, e o impacto que tiveram nos sectores económicos e sociais da Região, assim como a importância que tiveram nas infra-estruturas, e no bem-estar social, assim como o efeito que teve no PIB regional nesses 28 anos.

Este devia ser um encargo entregue para es-

"Perante o modelo económico, social e cultural que temos (...) qual deverá ser o modelo a projectar para a próxima década"



"Os governos e, neste caso, também a Região, perderam poder político que foi transferido para Bruxelas, mas sobretudo perderam-no para o poder económico e para o poder financeiro que ganhou peso devido ao liberalismo que se tem apresentado como salvador do mundo."

tudo à nossa Universidade.

Quanto ao futuro, o sector primário tem de aproveitar todos os recursos endógenos, que englobam os recursos naturais e as matérias-primas, juntando-os à competência, ao conhecimento, e à capacidade de inovação, das produções locais próprias, tornando-as factores de atracção para a economia turística e residencial. Valorizá-los e acautelar que a nossa produção seja capaz de responder, à procura do mercado interno, e exportar o excesso que haja. O sector secundário modernizou-se mas não cresceu o suficiente.

A indústria fica atrás do sector terciário, e por isso importa apostar numa nova política que incorpore a investigação e a tecnologia, aproveitando os apoios comunitários no desenvolvimento do sector industrial, mobilizando os empresários assim como os investidores que estejam na diáspora e se juntem àqueles que têm passado pelos Açores e decidem cá ficar, começando uma nova actividade.

Isto é, tanto podem prosperar e multiplicar-se nos Açores, indústrias como as que se multiplicam em Singapura ou na Suíça, desde que exista talento e se vaia à procura dos que souberam singrar no estrangeiro, para onde embarcaram há cinquenta anos atrás, ou até há mais tempo. Temos de ir à procura desses exemplos de coragem que pode ser uma boa semente para os que ficaram nas Ilhas.

É uma necessidade absoluta mobilizar o sector industrial, juntando a inovação e escolhendo áreas de negócio que justifiquem o investimento que os Açores precisam fazer de modo a quebrar o sindroma que impede o nosso crescimento industrial.

Falta na Região uma Sociedade Financeira e de Desenvolvimento, com a missão, de apoiar as empresas do sector industrial desde a sua constituição até à sua internacionalização. Seria um instrumento de cooperação entre a Região e o sector bancário.

A Regeneração da Matriz Social

A demografia é um problema grave. Na maioria das nossas Ilhas a baixa taxa de natalidade não permite renovar a população e aumentar o número de residentes. Corremos o risco de, em poucos anos, termos mais de 1/3 do arquipélago despovoado.

O envelhecimento impede que se planeie e se estimule à distância, políticas de desenvolvimento local, e por isso a Região tem de encontrar respostas para a situação com que se depara, e saber encontrar com coragem e de forma consensual, medidas capazes de fomentar a imigração de pessoas, incluindo jovens para, nalguns casos, assegurar o equilíbrio populacional das Ilhas aumentando a taxa de nascimentos.

Nesta conjuntura, convém não esquecer que a Colonização dos Açores ocorrida desde o ano de 1440, foi feita de colonos vindos de diversas partes de Portugal, a saber Algarve, Alentejo, Estremadura, Madeira. Chegaram depois ainda espanhóis, franceses, italianos, flamengos, ingleses, judeus, mouros e escravos africanos.

Esses foram os nossos progenitores e temos, presentemente, de procurar uma nova forma de repovoamento, integrando quem vier por bem, porque o equilíbrio dos efectivos populacionais é fundamental para que a sociedade se mantenha culta e dinâmica, tendo na escola a alavanca catalisadora, capaz de preparar as sucessivas gerações para os desafios do futuro.

Pior do que tudo, é termos espaço nas nossas Ilhas e não termos pessoas que as povoem.

A Reabilitação da Identidade Cultural Açoreana

Sem identidade própria e sem cultura, pode haver nações, pode haver regiões, mas não há povo.

Os resquícios resultantes do povoamento das Ilhas despontam de quando em vez, gerando até a cizânia entre Ilhas e pessoas, contribuindo para a falta de auto-estima que por vezes acontece, assim como pela ausência de partilha e comunhão entre as pessoas. Esses são resquícios que existem e temos de os superar, pela unidade e pela Autonomia.

É preciso, valorizar os talentos e recursos que temos, porque a identidade cultural é a seiva que alimenta o orgulho de sermos um povo com história, e pronto para ser obreiro do nosso futuro.

É sobre estas questões de cidadania que temos também de reflectir e procurar uma participação alargada.

Precisamos pensar os Açores para o futuro, certos de que os Açoreanos são os donos de si próprios, e o futuro tem de ser construído por todos, independentemente da sua crença, da sua cor, da sua origem e do partido que apoiam.

Esta é uma tarefa que tem de ser colectiva para ter êxito no futuro, e incluir os nossos jovens, como obreiros indispensáveis desse futuro, que nos compete enquanto cidadãos responsáveis delinear e construir.

Que modelo precisamos para a década 2020/2030

As mudanças operadas nos Açores, nos quarenta e oito anos de regime autonómico, originaram uma alteração profunda na Região. Modificaram-se costumes de uma população que era essencialmente rural e que se foi tornando numa população urbana ou com hábitos urbanos.

Renderam-se ao consumismo, descolaram do apego à terra, têm mais e melhor acesso à instrução embora sem atingir os resultados devidos no que toca à educação e à formação, mantendo-se neste caso uma taxa de insucesso escolar alta e que é deveras preocupante.

Reclamam pelos direitos, mas esquecem-se dos deveres de cidadania que lhes compete exercitar. Foram beneficiados pela globalização, porém deixam-se levar pelos estropícios que ela implica.

Perante as sucessivas crises que aconteceram nas primeiras duas décadas do século XXI, sente-se apatia e falta de empenho cívico dos cidadãos no acompanhamento e participação na gestão da coisa pública.

As instituições basilares da sociedade que eram outrora estribadas na Religião, na Família e na Instituição Militar, sofreram grandes alterações e ainda falta encontrar meios capazes de suprir o papel que lhes cabia na organização da sociedade.

Os governos e, neste caso, também a Região, perderam poder político que foi transferido para Bruxelas, mas sobretudo perderam-no para o poder económico e para o poder financeiro, que ganhou peso devido ao liberalismo que se tem apresentado como salvador do mundo.

Nestes 48 anos de Autonomia, vivemos três ciclos importantes: O ciclo da construção e afirmação do auto-governo, depois seguiu-se o ciclo da criação das infra-estruturas, tão necessárias e indispensáveis ao desenvolvimento harmónico de todas as Ilhas.

Com a criação da Zona Euro e com os Fundos Comunitários que couberam à Região, deu-se inicio ao ciclo de mais crescimento económico, que foi travado depois pela grave crise de 2009 a 2014.

O liberalismo, motor da globalização, transformou a sociedade do século XXI, numa sociedade pouco solidária, desresponsabilizada, rendida ao consumismo, reclamante quanto aos direitos e repelente a qualquer dever.

Esta é a realidade pós-moderna, que vai certamente exigir mudanças a vários níveis, convivendo-se com os direitos e os deveres de cada um, respeitando as diferenças entre as pessoas, e partilhando o direito que assiste tanto aos homens como às senhoras.

Isso pressupõe encontrar um novo modelo de sociedade baseado em valores e no equilíbrio dos poderes, para o que será preciso políticos e políticas audazes com sentido de serviço, tal como cidadãos exigentes e participativos na vida das instituições democráticas.

Tomando por base o que foi antes referido, é tempo de, perante o **modelo económico, social e cultural que temos,** pensar sobre **qual deverá ser o modelo a projectar para a próxima década.**

A imprensa escrita é um espaço de informação e de pensamento preocupada com o futuro, e tem procurado por isso, abrir caminho à opinião e ao debate, envolvendo os cidadãos que se mostrem disponíveis para que se possa perspectivar a Região a prazo, e saber que políticas devem ser adoptadas para criar valores e progresso na próxima década.

Partindo do modelo em que assenta o governo da Região, onde o sector público tem um peso considerável, enquanto o sector privado padece de estrangulamentos que entravam o dinamismo e a capacidade para mais investimento, criação de mais riqueza, e mais emprego, é chegada a altura da sociedade civil procurar lançar o debate sobre alguns pilares que podem reforçar e garantir a perenidade da Autonomia, começando pelo:

O estado da Autonomia;

As potencialidades e os estrangulamentos dos Açores;

O aproveitamento e salvaguarda dos recursos existentes;

O peso do sector público e as insuficiências do sector privado;

O modelo educacional e os insucessos escolares. As correcções a fazer para garantir mais literacia e preparação dos jovens para garantir a sua empregabilidade;

Consequências da aplicação dos fundos comunitários em curso, e qual a política para 2020-2030 de modo a robustecer a economia e garantir a coesão territorial e social;

Que resposta temos para mitigar o problema dramático e demográfico na Região;

Os Açores como espaço importante no xadrez Europeu e no papel que lhe cabe na segurança do mar Atlântico;

Perante as interrogações que deixamos para reforço dos pilares da Autonomia, é nossa obrigação apontar algumas linhas mestras para um modelo político, social, económico e cultural dos Açores que importa pensar para 2025/2030;

(Conclui pág. 16)

"...A reforma, da Autonomia implica que os Açores passem a ter o Estatuto de Estado Federado ou Confederado..."

(Conclusão pág. 15)

A Autonomia 48 anos depois

A Autonomia é um projecto concludente, sufragado em sucessivos actos eleitorais, sujeita às mudanças que se sucedem no mundo a que pertencemos, e à dinâmica que a torna num projecto sempre inacabado.

Mobilizou os Açoreanos de um extremo ao outro do Arquipélago, espalhando a açoreanidade entre as Ilhas e prologando-se depois em vários pontos do globo.

Despertou nos Açoreanos o orgulho de ser povo, e uniu todas as Ilhas, com a especificidade própria de cada uma, formando na diversidade uma só Região.

É um projecto político bem sucedido e para ele contribuiu o amplo consenso que se foi compondo entre os vários partidos políticos com expressão na Região, ao longo destes 48 anos.

A Autonomia afirmou-se como um projecto de bandeira em detrimento da proposta da independência, que teve na década de setenta do século XX vários movimentos defensores da separação com a República.

A Autonomia mudou a sociedade Açoreana e deu-lhe o poder de decidir o seu futuro através do voto e dos sucessivos actos eleitorais.

A sobrevivência do regime autonómico que vai a caminho do meio século, reside no pilar da unidade regional, e não na disseminação de novos poderes pelas Ilhas.

As debilidades da Autonomia

É inegável que se tem perdido algum fulgor da Autonomia que juntou todas as Ilhas numa conquista histórica em 1975/1976. Hoje há sinais de enfraquecimento na gestão da Autonomia, em parte pela transferência de poderes dos Estados para a União Europeia com a consequente perda de competências próprias da Região, mas também pelo esquecimento e falta de saber usar os poderes que a Constituição e o Estatuto nos confere.

Descuida-se a especificidade própria dos Açores e o tratamento que isso requer, colocando-se muitas vezes a Região ao abrigo da extensão de Directivas Europeias e nacionais, que são normativos desajustados à nossa condição arquipelágica e ao espaço económico que dispomos, criando depois bloqueios que impedem o investimento e o desenvolvimento económico e social, acrescida depois pelo modelo de gestão pública, viciada numa burocracia que tolhe a celeridade que os serviços públicos têm de ter para responder ao tempo em que vivemos.

Ao uniformizar-se medidas e Directivas que são desajustadas à nossa idiossincrasia, estamos a limitar o poder da Região, quando devemos ser criativos e audazes na defesa dos nossos interesses.

A Região tem poder para ajustar as directivas comunitárias, assim como tem poder legislativo em que pode adaptar a legislação nacional à nossa insularidade.

O peso da empregabilidade no sector público regional, local e nacional é enorme, e em contrapartida temos um sector privado que apresenta fragilidades e uma excessiva dependência do sector terciário, que nem sempre proporciona emprego durável.

Precisamos de uma classe média forte, porque ela torna-se depois numa alavanca imprescindível para a criação de riqueza, mas o que temos assistido é ao desaparecimento dessa classe média, assim como à perda de elites, e à falta de renovação das existentes, de forma transversal, em vez da renovação feita apenas pelo contexto geracional.

Todas estas limitações com que nos confrontamos nas duas décadas e pouco do novo milénio, avolumam a pobreza, concentram a riqueza, e criam um factor de debilidade da Autonomia.

Como corrigir as debilidades

Manter a Autonomia como desígnio da afirmação de um Povo com identidade própria, com a sua história e cultura, constituindo as pessoas como garantes da sociedade e como motor do desenvolvimento que ela tem de gerar.

Abrir a porta à democracia representativa, juntando-lhe uma forma que inclua a participação de cidadãos sem filiação partidária. Sabe-se que não é fácil introduzir nas eleições listas uninominais, e por isso as organizações sociais devem usar, em determinadas matérias, o recurso ao instrumento referendário regional sempre que necessário, assim como a auscultação directa através de consultas públicas, que não se fiquem pela colocação nas plataformas oficiais, que têm pouca visibilidade, e por isso indiferentes depois ao debate público, e opinativo, servindo apenas para desobriga do que pomposamente se chama participação cívica.

Para que haja sucesso na participação dos cidadãos na politica, é indispensável que seja revisto e desburocratizado o actual quadro legal que define o recurso ao referendo na Região.

Apesar da aparente apatia para com a política, temos de reconhecer que a nova sociedade tem opinião, tem objectivos, sente necessidade de se fazer ouvir, e tende a criar até movimentos de protesto anorgânicos descontrolados e populistas, alguns deles opinativos e outros para representarem e defenderem interesses, alguns dos quais as instituições representativas e de classe se alhearam.

A resposta política para prevenir essa debilidade tem de ser dada através de um chamamento convicto e permanente para que os cidadãos se exprimam dando a sua opinião e contribuindo para a sua concretização sentindo-se co-decisores na gestão da coisa pública.

As opiniões de pessoas e instituições, consequência da liberdade e da democracia, não podem ser temidas nem ignoradas por quem governa. Elas devem representar uma mais-valia para os legisladores e para os decisores políticos.

Esta deve ser a postura dos partidos políticos e dos seus dirigentes, sabendo ouvir, estando dispostos a dialogar e sobretudo sentir os cidadãos como parte do processo e não como adversários de quem governa.



"Manter a Autonomia como desígnio da afirmação de um Povo com identidade própria, com a sua história e cultura, constituindo as pessoas como garantes da sociedade e como motor do desenvolvimento que ela tem de gerar"

De que reforma precisa a Autonomia?

Analisando o que a Constituição e o Estatuto nos conferem no regime da Autonomia Democrática, a reforma política da Autonomia, para se chamar reforma, implicava que os Açores passem para o Estatuto de Estado Federado ou Confederado.

Esse passo exigia a alteração do actual modelo do Estado e da própria Constituição, o que será sempre rejeitado mais que não fosse pelo jacobinismo que controla o poder nacional. É interessante seguir de perto as cedências que estão em curso na Espanha começando pela adopção dos vários idiomas das 17 comunidades autónomas como línguas oficiais no país, o que pode transformar-se numa "babilónia"

No caso da nossa Região Autónoma, não se pode aplicar o chavão da reforma da Autonomia como tem sido caracterizada, porquanto o que há, são algumas propostas que têm sido apresentadas de forma avulsa e que implicam alterações constitucionais, como por exemplo a eliminação do cargo de Representante da República e a redistribuição dos poucos poderes que lhe estão reservados, para outras entidades.

A Reforma pela qual temos todos de nos unir e exigir, è a reforma da Lei das Finanças Regionais, que sofreu duas grandes machadadas no tempo dos Governos de José Sócrates e de Passos Coelho. Os dois partidos do arco do governo nos Açores, o PSD e o PS têm de usar o poder que têm na Assembleia da República para que seja aprovada a revisão da Lei das Finanças Regionais que tem vindo a decrescer em vez de crescer, e incluir nela a comparticipação que a República tem de contribuir para o Serviço Regional de Saúde e para a educação. Essa tem de ser uma cruzada liderada pelos partidos que juntos na Assembleia da República, PSD e PS, formam a maioria absoluta. Na Região, é preciso preparar uma cruzada para se conseguir da República o que lhe compete em termos financeiros fazer em nome da coesão territorial que é muito invocado, mas não usado e cumprido para com as Regiões Autónomas.

Pondo de parte qualquer revisão do Estatuto de Autonomia, há, no entanto, matérias importantes que precisam ser alteradas e que podem sê-lo por via da lei ordinária. É o caso da lei eleitoral para a Assembleia Regional, reduzindo o número de mandatos da Assembleia Legislativa, melhorando a qualidade dos futuros Deputados e impondo um limite mínimo de 5% de votos para que seja eleito cada Deputado pelo círculo de compensação.

Temos de continuar a reivindicar a gestão partilhada dos recursos do mar, porque o mar pertence aos Açores e ocupamos uma aérea marítima que representa 56% da ZEE nacional.

É preciso mais cidadania, e a aproximação dos cidadãos à política não se faz com a divisão de poderes. Faz-se sobretudo pela eficiência da administração pública que nem sempre está preparada para buscar soluções, que respondam ao que os cidadãos precisam para resolver os seus problemas, dinamizar a economia, e reduzir a pobreza que se mantém como uma chaga.

É importante a Região ter contas equilibradas, mas é preciso não esquecer que na União Europeia há países com gravíssimo desequilíbrios financeiros, entre eles a França que está a braços com um serviço da divida pública incomportável. Por isso, e com respeito pelos economistas, não devemos ser "mais papistas do que o Papa" e temos de procurar empresários que se empenham em novos investimentos, aproveitando o novo Quadro Comunitário, e desse modo criar mais riqueza para ajudar a equilibrar o deficit orçamental da Região.

Finalmente, não podemos deixar de lembrar a necessidade crescente de termos uma politica de segurança pública que garanta tranquilidade às pessoas e combata o crescente uso e abuso de drogas, que é uma chaga aberta nas famílias e um comprovado perigo para a sociedade.

Este é um combate que tem de juntar todos os serviços e entidades públicas com responsabilidade na segurança e na saúde.

Juntar todos esses responsáveis, é uma medida arrojada, mas tem de haver responsabilidade e acção para evitar o que diariamente se encontra nas freguesias, vilas e cidades da Região.

Américo Natalino Viveiros

Vice-presidente da Câmara do Nordeste recebeu Capitão do Porto de Ponta Delgada com vários temas em agenda

O vice-presidente da Câmara Municipal do Nordeste, Marco Mourão, em representação do presidente da edilidade, recebeu esta tarde o Capitão do Porto de Ponta Delgada, Comandante Paulo Alexandre Rafael da Silva, na sequência da sua substituição no cargo, no próximo dia 4 de outubro, pelo Comandante Carlos Marques Peiriço.

Na audiência, solicitada pela Capitania do Porto de Ponta Delgada, foram abordados vários assuntos, entre estes, o bom relacionamento que tem existido entre o município do Nordeste e a Capitania em iniciativas realizadas no concelho no âmbito do Porto de Pescas do Nordeste e do próprio Farol do Arnel.

Farol do Arnel

A importância que o Farol do Arnel tem para o concelho foi outro assunto abordado, pelo serviço que presta à actividade marítima, assim como, pelo seu valor patrimonial e turístico, sendo dos pontos de maior interesse turístico do concelho pela quantidade impressionante anual de visitantes que ali se deslocam.



Vice-presidente da Câmara de Nordeste com o Capitão do Porto de Ponta Delgada

Nadadores-salvadores

A orla costeira e as zonas marítimas da Foz da Ribeira do Guilherme e do Lombo Gordo, também foram abordadas pelo vice-presidente da autarquia, especificamente, a necessidade de recrutamento de nadadores-salvadores para a época balnear.

Requalificação da Boca da Ribeira

A importância da requalificação e melhoramento da Zona Balnear da Foz da Ribeira do Guilherme, e dos respectivos acessos, foi outro assunto referido pelo vice-presidente da Câmara do Nordeste no encontro proporcionado pelo Capitão do Porto de Ponta Delgada.

A fechar a visita, o vice-presidente do município desejou os maiores sucessos pessoais e profissionais ao Comandante Paulo Alexandre Rafael da Silva, no seu novo projecto, e as boas-vindas e votos de sucesso no exercício de funções ao novo Capitão do Porto.

Pub.



pingo doce
sabe bem pagar tão pouco

é tão bom poupar assim :)

Promoção válida de 19 a 25 de setembro de 2024 em todas as lojas Pingo Doce dos Açores e SolMar. Salvo ruptura de stock ou erro tipográfico. Não acumulável com outras promoções em vigor. Alguns destes artigos poderão não estar disponíveis em todas as lojas Pingo Doce / SolMar. A venda de alguns artigos poderá estar limitada a quantidades específicas, ao abrigo do Decreto Lei N.º28/84. O cartão "Poupa Mais" não é válido em nenhuma Loja Pingo Doce Açores. Campanha não válida para artigos comercializados na cafetaria. Visite o nosso site em www.solmar.pt

Crónica da Madeira

Como e porque nasceu o festival de Colombo



Por: João Carlos Abreu

Como sempre acontecia, quando estava em Lisboa, fui ter ao Café Lisboa, encontrar os meus amigos artistas. Lá estava o Max, tinha regressado de uma tournée aos Estados Unidos da América, quando me abraçou, com aquela voz inconfundível cantou-me:

Oh ilha do Porto Santo
……………………………
O teu sol é um encanto
Tua praia a mais famosa
……………………………..

Há muito que não o encontrava, daí que aquele abraço cheio de saudade, e de amizade reconfortou-me a alma, tanto mais que, para mim, o Max não era só o grande artista que promovia a Madeira, com as suas inconfundíveis interpretações e, com aquela voz única que encantou Portugal inteiro, mas também o amigo que muito admirava.

O Porto Santo tinha um lugar especial nas suas atuações. Este Porto Santo que o Max, com a sua voz levou ao Mundo e que, anos mais tarde, quando eu era Secretário de Turismo e Cultura, recebeu, o Encontro de Poetas. Aí a ilha foi denominada "Refúgio de Poetas".

Ali reuniram-se grandes nomes da poesia mundial, ligados ao PEN Internacional, alguns propostos para o Prémio Nobel.

Já o Governo de Alberto João Jardim, tinha aberto a casa Museu Cristóvão Colombo, na Vila Baleira, quando foi lançado o Festival Colombo. Desde o início do seu mandato que o Presidente Jardim incluiu o Porto Santo no rol dos seus programas de desenvolvimento prioritário, uma ilha, mergulhada num atraso e esquecimento de séculos. Foi uma obra gigantesca que se realizou, desde a criação de infraestruturas até aos melhoramentos necessários feitos, que deu aos porto-santenses outras perspetivas de vida. Foram as obras realizadas: a reflorestação da ilha, a instalação da estação da dessalinização, a construção do porto com capacidade de atracagem para navios de cruzeiros, a ligação por via aérea e marítima, com o navio rápido e confortável, com preços especiais para porto-santenses e madeirenses; lançamento de estradas à volta da ilha; construção de um excelente Campo de Golf, etc.

Não há dúvida que como destino turístico, Porto Santo oferece não só uma das melhores praias do país, com uma extensão de 9 quilómetros e com areias terapêuticas, mas também a temperatura excecional da água do mar, durante todo o ano.

A ilha proporciona nas suas paisagens únicas, desenhadas com formas fascinantes, nas suas rochas esculpidas pelos ventos de séculos que constituem uma atração para os visitantes. Ali o silêncio esmaga as palavras.



Dentro das preocupações, como governante consciente da importância do turismo sustentável para o Porto Santo, Alberto João Jardim, criou no POT- Plano de Ordenamento Turístico, regras cujo, número de hospedes não deviam ultrapassar o número de habitantes. A população jamais poderia ficar marginalizada neste processo de desenvolvimento. Foi estabelecido o número de camas hoteleiras.

Numa das habituais reuniões das quintas-feiras do governo e quando se discutiam os problemas do Porto Santo, o Presidente disse que era importante organizar um cartaz turístico para aquele destino, cuja excelência da oferta fosse publicitada internacionalmente. Voltou-se para mim e disse: "tens uma semana para resolveres esta questão". Uma das caraterísticas do Presidente Alberto João Jardim era o pragmatismo. Na realidade a Madeira transformou-se graças a sua sensibilidade especial, ao seu grande amor à Madeira e ao seu espírito pragmático. Alberto João Jardim conhecia os problemas profundos destas ilhas, e as enormes dificuldades das populações, por isso, tudo era feito numa corrida contra o tempo, repudiando assim o atraso secular de uma Região secundarizada por Lisboa.

Na semana seguinte como solicitado apresentei-lhe o projeto, em detalhe e o cartaz para o Festival de Colombo.

Porquê Colombo?

Expliquei-lhe que o nome do navegador estava relacionado com o Porto Santo, pelas razões conhecidas, e que Colombo tinha uma ligação através das casas por onde passou, nas várias ilhas e terras do mundo. Para além disso, nos Estados Unidos da América existiam várias Associações de Cultura com o seu nome. Em resumo sendo uma figura histórica mundialmente conhecida nenhum outro nome tinha tamanha carga para chamar a atenção internacionalmente. Mais especifiquei que se deveria introduzir no programa, números que invocassem a reconstituição do desembarque, com a respetiva comitiva e a criação de um mercado medieval. Defendida a minha tese, o Presidente colheu a opinião, uma a uma, dos Secretários que unanimemente concordaram com a proposta. Assim no ano seguinte, nasceu o famoso "Festival Colombo", que nas duas primeiras edições, trouxeram ao Porto Santo os bandeirantes de Florença, que com as suas espetaculares exibições atraíram milhares de espetadores e selaram internacionalmente este evento, que criou já raízes no tempo.

Passados tantos anos é com justificada alegria que verifico que o Festival Colombo ganha, de ano para ano, maior dimensão, como um dos cartazes da Ilha Dourada. Este ano preenche 93% da capacidade hoteleira. O Festival que se iniciou na passada sexta-feira, termina hoje, domingo, e do seu programa constam cerca de 60 atividades, diferentes.

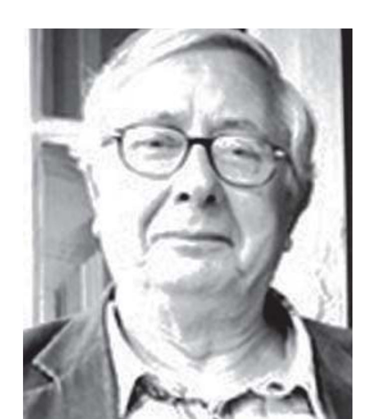
Os Largos do Barqueiro e do Pelourinho têm sido palcos para concertos especiais, animando estes emblemáticos espaços citadinos.

Milhares de visitantes celebram com alegria este Festival, emoldurado por uma praia, como disse Max, a mais famosa das praias de Portugal. Uma ilha vestida de cores, de luzes e beleza, sob o êxito estrondoso de um acontecimento que a torna mais conhecida e atrativa. Aconselho aos meus amigos açorianos a se deslocarem, no próximo ano, a este "Refúgio de Poetas" a fim de assistirem a esta festividade que nesta 25ª edição envolve 340 pessoas, num investimento de 195 mil euros. Mas como muito bem disse, o dr. Eduardo de Jesus, dinâmico Secretário da Economia Turismo e Cultura, o investimento, com a presença de tão elevado número de visitantes, já está pago.

Felicito o dr. Eduardo de Jesus, pela dinâmica que imprime, todos os dias, á Secretaria que tutela e pelo êxito da edição do Festival de 2024. As Áreas por si defendidas, são fundamentais para o progresso da Região.

"Milhares de visitantes celebram com alegria este Festival, emoldurado por uma praia, como disse Max, a mais famosa das praias de Portugal. Uma ilha vestida de cores, de luzes e beleza, sob o êxito estrondoso de um acontecimento que a torna mais conhecida e atrativa. Aconselho aos meus amigos açorianos a se deslocarem, no próximo ano, a este "Refúgio de Poetas" a fim de assistirem a esta festividade que nesta 25ª edição envolve 340 pessoas, num investimento de 195 mil euros. Mas como muito bem disse, o dr. Eduardo de Jesus, dinâmico Secretário da Economia Turismo e Cultura, o investimento, com a presença de tão elevado número de visitantes, já está pago"

Quem não existe na avalanche das redes sociais está morto, deixa de merecer a vida



Por: Mário Beja Santos

Há bem mais de 20 anos que analistas de diferentes procedências se debruçam sobre o culto da velocidade decorrente de vivermos numa sociedade em rede, analisa-se quais as consequências deste frenesim, como se pulverizam as formas de equilíbrio que exigem maturação das coisas, dos lugares, da luz, dos referentes da história, isto quando reina a urgência, a instantaneidade, o breakingnews que nos altera a vida inteira, as tais formas de equilíbrio que eram medidas pelo tempo físico e o tempo subjetivo, tudo ultrapassado pelo curto prazo, a necessidade de se reagir de imediato com o contacto, estar em permanência a consultar essas vastíssimas salas de conversa onde temos que ser opinativos, mostrar performance, interação, disponibilidade permanente – só assim se tem direito a estar vivo.

Os Dias do Ruído, de David Machado, Publicações Dom Quixote, 2024, é uma metáfora sobre a comunicação contemporânea, onde predomina a tal cultura da urgência, a plena sujeição aos riscos de viver com uma claque na sala de conversa digital, que por vezes tem uma abrangência planetária, ou, sofrer a ira declarada dos outros quando se adquiriu o estatuto de herói ou heroína. Não há político que não se esforce por dar opiniões diárias no X ou no Instagram, merecerão depois a sua transferência para as ondas televisivas ou hertzianas, e comentários noutras salas de conversa de dimensão gigantesca, como o Facebook

Os políticos, os homens de negócios, os astros do desporto, os heróis efêmeros, precisam de conselheiros que os ajudem a responder com uma frase que se pôde perpetuar nos diferentes meios de comunicação social. É um ruído avassalador de manchetes, imagens, vídeos – dá muito trabalho estar na crista da onda, prisioneiro do implacável quotidiano.

Laura, penicheira de origem, repórter afamada, andou pelas zonas de grande conflito onde ganhou créditos, evitou um atentado num café de Paris matando um terrorista islâmico; passou a escrito a sua história e anda pelo mundo fora promovendo o livro, considera mesmo voltar a escrever outro sobre mulheres heroínas que ela pretende distinguir, exemplos de cidadania, de coragem, de combate à vilania e à violência.

Laura vive sempre no presente, guarda contactos com a irmã e escassas amigas íntimas, recebe mensagens do ex-marido, o caudal de acontecimentos onde se sujeita a provas de fogo são as sessões de autógrafos e as questões postas pelos fãs nas redes sociais, faz vídeos que depois circulam em onde planetária. Nisto começam a surgir mails com ameaças de morte, mas há turbulência na sua vida privada, a mãe dá sinais de demência, isto enquanto ela circula no planeta virtual, viajando de país em país; a editora conversa com Laura, dá-lhe conselhos, sugere imagens, está a par das ameaças de morte.

Entramos de golfão na vida familiar, em Peniche, conheceremos uma amiga íntima de Laura, Brielle, ficou mutilada num ato de terrorismo, andam todos permanentemente ao telefone, a irmã de Laura reconciliou-se com o pai, homem tirânico e indisposto com as filhas. Há repercussões paradoxais quanto à morte do terrorista islâmico: "Como se ainda houvesse dúvidas de que 99% da informação no mundo é apenas eco, dezenas de mensagens enviadas de todas as partes do planeta informam-me de que no site de uma organização neonazi húngara se vendem t-shirts com uma foto na qual apareço a asfixiar o ator egípcio. A legenda é aterradora e pretensiosamente poética: 'Vamos varrer o país uma barata de cada vez'." De Peniche continuam a chegar notícias alarmantes, a agente de Laura apela com caráter de urgência que se publique um novo livro, a enteada de Laura acompanha agora a madrasta de país em país.





David Machado

Estamos agora num espaço fixo, Peniche, Laura regressa a outro tempo mas constata que tudo ali parou: "Tudo na casa está parado no tempo: o mapa de rachas dos azulejos da cozinha; o fedor a esgoto quando se abre a água quente do lava-loiça; a coleção de São José sobre o televisor bojudo, na sala, diante do sofá tão coçado; o xadrez amarelo e azul da toalha de plástico sobre a mesa; a lentidão com que as vozes viajam entre as divisões; uma melancolia de décadas acumulada nas gavetas da cómoda do corredor; a bata da minha mãe pendurada atrás da porta da casa de banho; o cheiro acre da pólvora; as botas enlameadas do meu pai arrumadas na cozinha, junto ao caixote do lixo; um arpão de apanhar polvos encostado à parede ao lado do frigorífico. Passo os dedos pelos objetos, pela madeira dos móveis, pela tinta acrílica das portas, e dou-me conta de que nunca saí completamente desta casa."

O anfiteatro planetário está em polvorosa, o que aconteceu a Laura, foi presa, raptada, inicialmente Laura quer tomar o pulso à tão grande distância das décadas da sua ausência, dá-se a retoma de afetos com os pais e com a amiga Emília, o pai anda por ali a arquitetar voltar ao contrabando, o ex-marido telefona constantemente ou manda mensagens, sucedem-se as videochamadas, mas Laura corre o risco de morrer na sociedade em rede, crescem os prejuízos por ela ter cancelado os eventos, a imagem pública está danificada, a enteada apaixona-se e desapaixona-se, Laura publica nas redes algumas fotografias, a agente sonha com um filme com um intrigante reality show, seria um arranque estrondoso para a campanha de promoção do próximo livro.

Parece que a vida familiar ganha uma nova forma de coesão, a irmão de Laura, Azul, também se integra na vida daquela casa, de onde se afastou há décadas. Falando com a sua agente, Laura admite não voltar a publicar nada, a agente "Fala da morte virtual do silencia absoluto. Pergunta-me se não tenho medo do silêncio absoluto, mas antes a que posso responder-lhe diz-me que serei apenas um corpo sem espírito, sem ligação à dimensão mais profunda da humanidade, uma memória eternamente perdida.

E as semanas passam, Laura todos os dias aparece nos seus murais para cuidar do reino virtual. "Faço-o com delicadeza, como se tratasse de plantas. No interior do reino, o ruído é mais polifónico e estridente do que nunca, grita-se tudo e o seu contrário, a comunidade só funciona porque ninguém está a ouvir ninguém. Contudo, mal saio, tudo o que resta é uma ligeira reverberação na minha pele que embala o corpo durante uns minutos."

Parece que as ameaças desapareceram, Laura pensa que está próximo o dia em que deverá partir, há compromissos adiados, debates sobre terrorismo e feminismo. Apareceu o covid-19, o planeta está alvorotado, talvez Laura tenha vontade de voltar para junto do ex-marido, importa escrever um novo livro. "As horas passam. Os dias e os meses e os anos passam. O tempo torna-se amparo para tudo o que faço. Aquilo que sou muda com as estações. E aquilo que sou é impossível de expressar. Mas ser vista e entendida em toda essa definição: que coisa extraordinária."

Este romance de David Machado está destinado aos bons fados, é uma prosa talhada ao sabor das cavalgadas dos tempos em que vivemos, nesta sociedade que parece funcionar sobre o único registo da reatividade e de uma enxurrada de palavras de ordem e *breakingnews.*

Desordem, moral em baixo, suicídios na frente de batalha, retirada caótica e como a Rússia passou meses a tentar evitar a incursão da Ucrânia em Kursk – e falhou

As chefias militares da Rússia sabiam há meses que os ucranianos estavam a preparar uma incursão em Kursk e tentaram evitá-la antes de as tropas invadirem o Oblast a 6 de Agosto, apesar de até os aliados ocidentais de Kiev terem sido apanhados de surpresa pela ofensiva terrestre. A prova está contida numa série de documentos que o exército da Ucrânia diz ter recuperado nas posições abandonadas pelos soldados russos na região, que foram partilhados com o Guardian.

De acordo com o jornal britânico num exclusivo publicado esta sexta-feira, os documentos comprovam a total desordem entre as fileiras russas e revelam também preocupações de Moscovo com o baixo moral das suas tropas na região, intensificada após um soldado ter cometido suicídio na frente de batalha após um alegado "estado prolongado de depressão por estar a cumprir serviço militar no exército russo".

O diário refere que não conseguiu verificar a autenticidade dos documentos de forma independente, mas ressalta que apresentam características de comunicações genuínas do exército russo, após as forças ucranianas terem indicado em agosto que recuperaram no local papéis do Ministério do Interior da Rússia, da secreta FSB e militares.

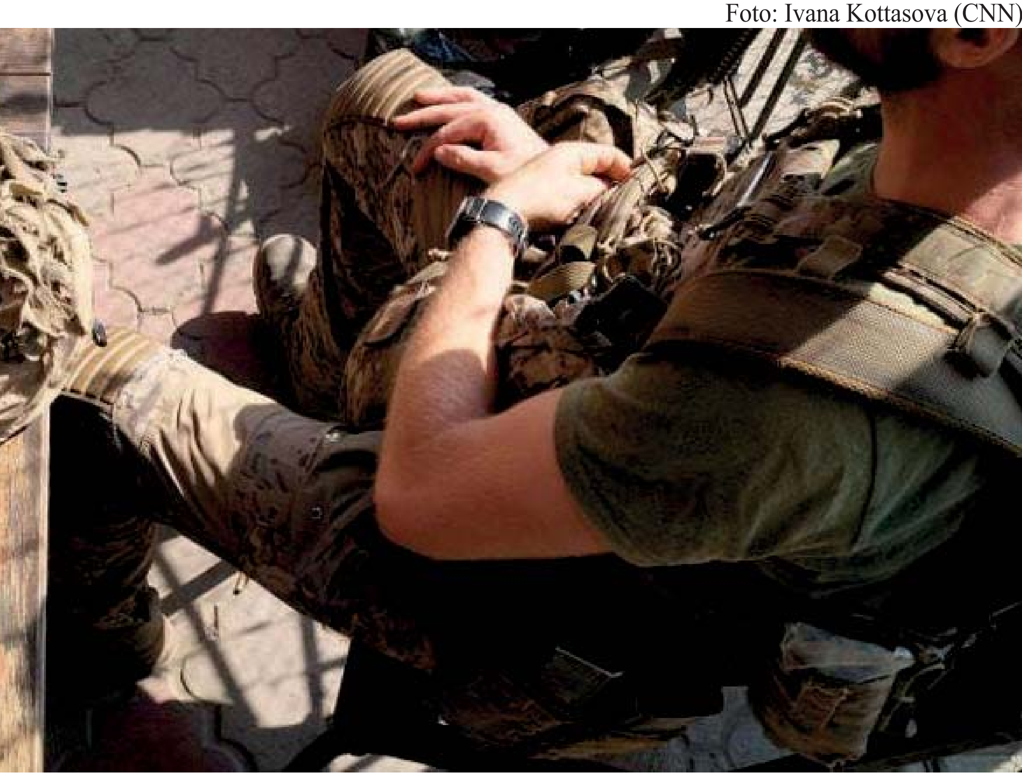
"As revelações tornam ainda mais embaraçosa a desordem entre as forças russas após o ataque da Ucrânia no início de agosto", refere o Guardian. Os documentos pertencem sobretudo a unidades do 488.º Regimento de Fuzileiros Motorizados da Rússia, em particular à segunda companhia do seu 17.º Batalhão. Os mais antigos datam do final de 2023 e os mais recentes foram redigidos apenas seis semanas antes da incursão da Ucrânia em Kursk.

Mais de oito meses de preparação

A 4 de Janeiro, o exército russo já referia "a possibilidade de um avanço na fronteira do Estado [russo]" por grupos armados ucranianos e ordenava o reforço da formação em preparação do potencial ataque. Cerca de um mês depois, segundo um documento de 19 de Fevereiro, os comandantes das unidades foram avisados dos planos ucranianos para "um rápido avanço a partir da região de Sumy para o território russo, até uma profundidade de 80 quilómetros" e davam orientações para se "estabelecer um 'corredor' de quatro dias antes da chegada das principais unidades do exército ucraniano em veículos blindados".

Um mês depois, em meados de Março, em preparação para um potencial ataque ucraniano, as unidades russas na fronteira foram ordenadas a reforçar a defesa das linhas da frente e a "organizar exercícios adicionais para as lideranças das unidades e pontes fortes no que respeita à organização adequada das defesas". Dois meses depois houve um aviso mais específico sobre os planos ucranianos, que se dirigiam para Yunakivka-Sudzha, "com o objectivo de tomar" a cidade com cerca de 5 mil habitantes – entretanto sob controlo das tropas ucranianas desde Agosto.

Foto: Ivana Kottasova (CNN)



Soldado ucraniano a descansar durante a incursão em Kursk

Os documentos mostram as tácticas a que os russos recorreram ao longo do último ano numa tentativa de enganar as tropas ucranianas, com um ficheiro a revelar a necessidade de criar trincheiras-fachada e posições falsas para confundir os drones de reconhecimento.

Nessa mesma altura, em meados de Junho, Moscovo já previa também que a Ucrânia ia tentar destruir uma ponte sobre o rio Seym para interromper as linhas de abastecimento russas em Kursk, o que também viria a concretizar-se menos de dois meses depois. O mesmo documento de junho mostra queixas de que as unidades russas estacionadas na linha da frente só tinham "em média entre 60% e 70%" dos meios necessários para fazer frente aos ucranianos, sendo "essencialmente constituídas por reservas com fraca formação".

Isso poderá explicar porque é que, a 6 de Agosto, quando os ucranianos entraram na região russa, muitos soldados abandonaram as suas posições, permitindo a Kiev assumir o total controlo de Sudzha no espaço de uma semana. "Eles fugiram, sem sequer levarem ou destruírem os documentos", refere um membro da equipa de operações especiais ucranianas que recuperaram os ficheiros.

Durante o que o Guardian classifica como "a caótica retirada" de Moscovo, as forças ucranianas detiveram vários soldados russos, muitos deles recrutas convocados a prestar serviço militar obrigatório, que geralmente não são destacados para as frentes de batalha. Os pais de um desses soldados, que surgem citados nos documentos, chegaram mesmo a gravar um vídeo em agosto onde em tom emocionado identificavam o seu filho de 22 anos, Vadim Kopylov, como tendo sido capturado pelas forças ucranianas, pedindo a Moscovo que acordasse uma troca de prisioneiros que garantisse a sua libertação.

Baixo moral, engodos e sabotagem

Com base nos documentos pinta-se uma imagem negra dos ânimos entre as tropas russas, com um a mostrar que os comandantes das unidades no terreno receberam instruções para garantir que os soldados consumiam conteúdos dos média estatais russos numa base diária para manter a sua "condição psicológica".

"Enterrados numa linguagem oficial, seca e sinuosa, há sinais de graves problemas de moral na frente" de batalha, escreve o Guardian. "A análise da situação actual em matéria de suicídios mostra que a questão da morte de militares por suicídio continua tensa", lê-se numa das entradas, na qual é relatado um incidente ocorrido a 20 de Janeiro, quando um recruta num posto de guarda se suicidou com um tiro no abdómen.

O relatório escrito à mão destaca que "a investigação a este incidente determinou que a causa do suicídio e da morte foi um colapso nervoso e psicológico, causado pelo seu prolongado estado de depressão" por estar a servir no exército russo. Para evitar casos semelhantes, os comandantes das unidades foram ordenados a identificar soldados que "não estejam mentalmente preparados para cumprir os seus deveres ou com tendência para comportamentos desviantes", a fim de "organizar a sua reafectação e transferência para instalações médico-militares".

Noutras instruções das chefias militares para manter o moral das tropas, é ordenado que os soldados assistam a "instruções políticas" entre 5 e 10 minutos por dia e uma hora por semana, "para manter e elevar a condição política, moral e psicológica do pessoal" militar.

Os documentos também mostram as tácticas a que os russos recorreram ao longo do último ano numa tentativa de enganar as tropas ucranianas, com um ficheiro a revelar a necessidade de criar trincheiras-fachada e posições falsas para confundir os drones de reconhecimento de Kiev.

"Modelos de veículos de combate, veículos blindados e lançadores de artilharia devem ser criados, bem como manequins de soldados, e periodicamente movimentados", refere um documento, o mesmo onde se ordena que alguns soldados sejam enviados para "posições de engodo" a fim de criarem pequenos incêndios durante a noite e a passearem com tochas acesas, a par de conversas sobre as posições falsas nos walkie-talkies do exército para que fossem interceptadas pelos ucranianos.

Não é claro se estas posições-falsas chegaram a ser criadas, ainda que tudo indique que não – segundo membros de uma unidade ucraniana que pilotava drones de reconhecimento na área nas semanas que precederam a invasão de Kursk, não foi avistado qualquer indício disso.

Em documentos datados de Março é referido um aumento de incidentes com grupo de sabotagem ucranianos que se disfarçaram para atravessar as linhas russas, envergando uniformes do exército inimigo. Numa ordem militar desse mês, lê-se que, "para evitar a infiltração de inimigos nas nossas formações de combate, os comandantes devem utilizar a variante de identificação n6, com 8 centímetros de largura, que devem ser fixados [nos uniformes] com fita-cola invisível".



Correio dos Açores, 22 de Setembro de 2024

Opinião

Mais de dois mil euros em multas

O Conselho de Disciplina (CD) da Associação de Futebol de Ponta Delgada (AFPD), cumprindo com a legislação nacional que se estende às provas associativas, tem multado as equipas que não apresentam nos jogos um técnico que saiba executar correctamente o que determina o Suporte Básico de Vida (SBV) e o Desfibrilhador Automático Externo (DAE), para vítimas de paragem cardiorrespiratória.



Em três semanas de jogos dos campeonatos de São Miguel, apenas dos escalões de Sub-15 (Iniciados) e de Sub-17 (Juvenis), houve 11 equipas multadas em 153€ cada. Se juntarmos os clubes que não tiveram delegado em três jogos, elevam-se para 14 as equipas com multas. O total de multas em três semanas ascende a 2 142€.

Não conseguiram apresentar SBV/DAE num dos jogos as equipas de Iniciados do Operário, do Vasco da Gama, do União Micaelense, do Desportivo de Rabo de Peixe, do Águia dos Arrifes e do Santa Clara; num dos encontros de Juvenis o Benfica Águia, Desportivo de Rabo de Peixe, Desportivo de São Roque e Operário e o Oliveirenses em seniores. A falta de delegado recaiu em multa ao CD Santo António, ao Oliveirenses (Iniciados) e ao São Roque em Juvenis.

Nas épocas anteriores o CD começou por aplicar as multas, mas, por pressão dos clubes junto da Direcção da AFPD, deixou de fazê-lo. Se é para repetir, nem deveriam ter começado.

A assistência médica nos jogos de todos os escalões é indispensável. Foi descurada anos a fio. Normalmente o director de serviço socorria o atleta magoado com recurso ao que apelidamos de "spray" milagroso. Muitos erros se cometeram por puro desconhecimento. Durante muitos anos, na ilha de São Miguel, recuou-se, com raras excepções.

Recordo-me do massagista sr. Santos ir para o campo Jácome Correia, por conta da AFPD, dar assistência aos jogadores das quatro equipas que lá actuavam em cada tarde de domingo. Com a calças arregaçadas até aos tornozelos, com as suas botas de futebol para enfrentar o piso térreo e em muitos dias encharcado, lá ia o Sr. Santos a correr em direcção ao atleta lesionado, quase sempre aplaudido pelo público.

A AFPD tem ministrado cursos para pessoas adquirirem os conhecimentos na área do SBV/DAE. A afluência tem sido razoável, mas insuficiente para a quantidade de jogos semanais, principalmente dos clubes com um alargado número de equipas.

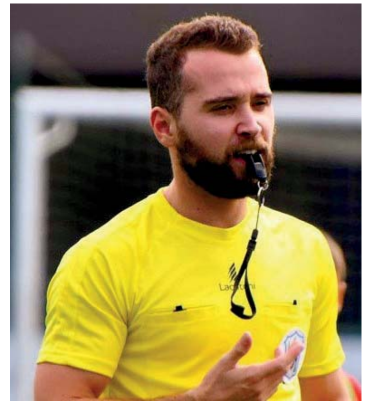
Por outro lado, recorrer a fisioterapeutas, a enfermeiros e a massagistas tem custos para os clubes, além da dificuldade em obtê-los porque os jogos são muitos. Vêem-se muitos elementos do género feminino a darem o apoio, ultrapassado que está o estigma de tratarem as lesões desportivas no sexo oposto.

É um problema que os clubes, muitos deles com grande ginástica financeira, estão a resolver. Sucedendo-se as faltas, as contas a pagar serão maiores.

As autarquias locais e concelhias poderiam ajudar os clubes com uma verba para fazerem face a uma despesa considerável no final de cada época. Reconheço não ser fácil porque não é considerado um assunto prioritário. Mas deve sê-lo.

Por que não tentar?

SEM CARTÕES EM DOIS JOGOS da 1.ª jornada da Taça de Honra João de Brito Zeferino. A disciplina dos jogadores nos jogos Santa Clara B - Santiago FC e Desportivo de São Roque - Vitória do Pico da Pedra não obrigou os árbitros João Branco (na foto) e Duarte Travassos, respectivamente, a exibir qualquer cartão.



Será um bom prenúncio para esta época? O tempo confirmará se outros jogos seguirão o mesmo caminho.

AINDA O LANCE NO BENFICA-SANTA CLARA que daria seguimento ao golo do empate (1-1) à equipa de Lisboa, explicado por um antigo árbitro internacional espanhol de futebol. Iturralde González escreve semanalmente, às quartas-feiras, no diário desportivo Record, comentando os lances mais polémicos da jornada do campeonato da I Liga na secção "Tira Teimas".



A visão da entrada faltosa de Otamendi sobre Safira, que, como a foto ilustra, ficou com a meia rasgada e com sangue no calcanhar, difere das várias opiniões dos especialistas portugueses. Quando intervêm as equipas nacionais de maior peso, há sempre a tendência de protegê-las. Há excepções. Poucas. Muito poucas. Por isso, aqui fica a opinião do experiente árbitro de Espanha.

"Quando é uma falta para "vermelho", como esta, há que anular o golo sempre, passe o tempo que passar. Quando é cartão vermelho é por ser jogo brusco e grave, que é o caso. O VAR tinha de intervir, anular o golo e expulsar o jogador do Benfica (Otamendi) porque é uma entrada com os pitons.

Se fosse uma jogada para "amarelo" não podia anular o golo por passar algum tempo. Mas se for para "vermelho", há que anular mesmo que passem 3 minutos.

Esteve mal o árbitro por não expulsar o jogador e muito mal o VAR por não o ter chamado. Era livre para o Santa Clara, "vermelho" para o infractor e o golo teria de ser anulado".

Pelo que vamos assistindo nos campos portugueses, há avaliações diferentes para lances idênticos. Vemos pisões nos pés dos adversários com a admoestação apenas do cartão amarelo e poucas com cartão vermelho.

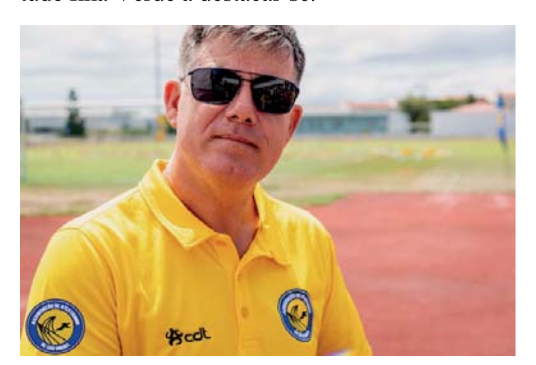
Quem assistiu ao Mónaco - Barcelona, realizado quinta-feira relativo à Liga dos Campeões, testemunhou a expulsão, aos 11 minutos, do jogador espanhol Eric Garcia por uma entrada sobre Ter Stegen, semelhante à de Otamendi sobre Safira.

Adriano, jogador do Santa Clara, foi expulso com "vermelho" directo no jogo com o FC Porto por ter pisado o pé de um adversário no movimento rotativo. Em lances idênticos promovidos por outros atletas, principalmente das equipas mais cotadas, são lhes exibidos cartões amarelos.

Os árbitros portugueses têm de usar o mesmo critério. Veja-se como arbitrou o lituano Donatas Rumsas o Sporting - Lille da Liga dos Campeões. Quantos pisões houve? Vários. Sempre com admoestações de "amarelos".

JOSÉ NEVES recebeu esta semana a autorização para, pelo terceiro ano, ser dispensado de ministrar aluas de Educação Física na Escola Roberto Ivens, em Ponta Delgada, para se dedicar a tempo inteiro aos treinos de 6 atletas na modalidade de atletismo. Demorou mas foi-lhe concedida a premissa. Só assim, possibilitando treinar duas vezes por dia, se alcançam prestações de nível no âmbito nacional e internacional.

Natacha Candé é um dos casos. Tem vindo a alcançar excelentes resultados. Aguarda que o Instituto Português do Desporto e Juventude lhe conceda o título de atleta de alto rendimento. A outra atleta que lhe cabe a responsabilidade de treinar é Anamar Jorge, outro produto do Juventude Ilha Verde a destacar-se.



Mas eis que surge uma situação que justifica atenção e resolução. Paulo Costa tem também Jovens Talentos Regionais sob a sua responsabilidade. São Helena Rodrigues e André Duarte, estando Rui Durão como treinador de Afonso Cordeiro, Celestino Pacheco e Maria Ferreira, com a possibilidade deste número aumentar em dois ou três.

Por isso, há a possibilidade da Associação de Atletismo de São Miguel pedir a dispensa de Paulo Costa porque quando José Neves tiver de ausentar-se, o número de atletas aumenta para poucos treinadores.

NATACHA E LOURENÇO têm-se evidenciado nas provas nacionais e internacionais de pista. Não admira que ambos estejam a receber tentadoras propostas do Benfica e do Sporting para se transferirem.



A direcção do Juventude Ilha Verde, limitada, procura apoios para que Natacha Candé e Lourenço Rodrigues permanecem no clube. Não está fácil.

Os dois jovens, com as capacidades e com o compromisso são duas apostas para os Açores terem representantes nos Jogos Olímpicos saídos de um clube local.

Resta a resiliência local face ao poder económico e de persuasão do Benfica e do Sporting.

José Silva

"Este ano houve uma mudança de paradigma e vamos dar a oportunidade a outros atletas de se mostrarem", assume Paulo Borges, treinador dos séniores de futsal do Stª Clara

Depois de ter estado durante muito tempo à do futsal adaptado, e com excelentes resultados, Paulo Borges, em conjunto com Hélder Pavão, assume a equipa sénior que irá disputar a Série Açores de futsal. Ao 'Correio dos Açores' afirma que este ano "houve uma mudança de paradigma" no futsal dos encarnados do Santa Clara, que irá haver uma maior sinergia entre o futebol e o futsal e afirma que "vamos apostar mais forte no futsal adaptado."

Correio dos Açores - Como tem sido o seu percurso até chegar à equipa A do Santa Clara?

Paulo Borges (treinador dos seniores do Santa Clara de futsal) - É de salientar que estou a treinar a equipa do Santa Clara A em conjunto com o mister Hélder Pavão. Estamos os dois com a equipa.

O meu percurso, por opção própria, sempre foi mais ligado ao futsal adaptado. É aquele lado onde, na minha opinião, há bastante competitividade. É a minha praia, como se costuma dizer. Quando íamos disputar os nacionais de futsal adaptado víamos que a nossa equipa em termos competitivos ficava um pouco atrás das outras equipas. Então, tomamos a decisão de colocar a equipa de futsal adaptado a competir com o futsal regular. E foi assim que comecei a ter mais contacto com o futsal regular. Após a inserção da equipa nas provas da Associação de Futebol de Ponta Delgada, e sempre com o intuito de ganhar, os nossos resultados melhoraram. Temos chegado muito mais longe nas provas de futsal adaptado.

Este ano, houve uma mudança de paradigma na estrutura do futsal do Santa Clara. Está a haver uma aposta mais na formação tendo como complemento ao futsal. Vai haver uma maior ligação entre o futebol e o futsal, mas isto será revelado mais para a frente pelo clube.

Depois, devido a vários factores, a Direcção decidiu, não da forma como dizem que houve falta de investimento e de interesse, alterar a forma como se vê o futsal. Não é só pela competitividade e termos de ir buscar os resultados e a ganhar tudo e mais alguma coisa. Baseia-se mais em dar oportunidade a atletas que, se calhar, de uma outra forma não teriam e trazer atletas que sejam mais ou menos desconhecidos. Isto tudo sempre tentando fazer com que a equipa seja o mais competitiva possível.

Tendo em conta a mudança de paradigma, quais são as expectativas para a próxima época?

A expectativa é sempre de chegar o mais longe possível e também tentar obter a melhor classificação possível. Obviamente que na Série Açores se conseguirmos a manutenção, será o ideal. É algo que vamos ver no futuro, com a competição.

O que pretendemos é dar a oportunidade a outros atletas, que se calhar não teriam esta oportunidade, que têm qualidade e que poderão participar numa prova da qual poderão fazer parte e, quem sabe, poderão também fazer algo de muito bom.



"Acho que deveria de haver um ambiente diferente dentro do futsal para que depois isto possa elevar a modalidade."

É possível o Santa Clara chegar, como o Lusitânia, à primeira divisão com outro tipo de investimento?

Ser possível, é possível a qualquer clube que tenha os investimentos e queira investir a esse patamar. Agora o caminho é extremamente duro, extenuante e complicado. Basta ver o Lusitânia, a quem deixo os meus parabéns por o ter conseguido, mas é preciso ter uma bagagem muito grande e, às vezes, ter o dinheiro e o investimento não é suficiente. É preciso ter muito mais coisas. Basta começarmos pelas exigências que são feitas numa Segunda e numa Primeira Divisões, que levam encargos muito grandes e temos de ter uma grande estrutura. Qualquer clube que queira chegar lá, tem de estar bem apetrechado. Não acho que seja uma coisa que é feita do dia para a noite. É algo que leva o seu tempo, que eventualmente a acontecer levará bastante tempo e que terá sempre de começar pelos escalões de formação e subindo gradualmente, fortalecendo o seu clube.

Penso que a teoria de ir buscar jogadores caros, com nome e depois tentar chegar lá, por atalhos, sem ir para o caminho mais complicado que é o que leva ao sucesso, poderá não levar a esse intuito.

"Temos uma ideia diferente em relação à formação. Não queremos apostar numa formação apenas virada para o futsal mas uma formação que possa trazer o melhor do futebol para o futsal e vice-versa, ou seja, estarem os dois interligados de modo a que ambos possam crescer da melhor forma."

Todos os clubes desejam almejar chegar a um patamar desses, mas se o Santa Clara vai lá chegar, ou não, vai depender de muita coisa. Depende da vontade dos sócios, da disponibilidade financeira do clube e da estrutura que possa vir a ser criada no clube.

Algumas modalidades afirmam que há falta de atletas na formação. É algo que acontece no Santa Clara?

Não podemos dizer que alguma vez tivemos grande falta de atletas. É normal que o símbolo possa chamar um pouco mais a atenção das pessoas. Nós, neste momento, estamos a estudar o complemento e a sinergia entre o futebol e o futsal. Isto vai fazer crescer ambos os lados, e é isto que queremos que aconteça.

Temos uma ideia diferente em relação à formação. Não queremos apostar numa formação apenas virada para o futsal mas uma formação que possa trazer o melhor do futebol para o futsal e vice-versa, ou seja, estarem os dois interligados de modo a que ambos possam crescer da melhor forma.

Poderá haver atletas que estão no futebol e que revelem mais aptidão para o futsal, e o contrario também pode acontecer. Um atleta que seja de excelência, obviamente que irá optar pelo futebol que tem mais visibilidade.

Com este complemento, iremos ter mais gente a entrar na formação.

Como se poderia promover a modalidade do futsal nos Açores?

Diz-se muito que para se promover, que a comunicação social teria de 'falar' mais sobre a modalidade.

A comunicação social deve 'falar sobre' todas as modalidades. Contudo, acho que deveria de haver um ambiente diferente dentro do futsal para que depois isto possa elevar a modalidade.

Todos nós queremos ganhar e chegar ao topo, mas não pode ser a qualquer custo. E se houver uma maior interligação entre os clubes, se calhar, essa visibilidade se irá tornar de uma forma mais positiva. E depois, claro, com a ajuda da comunicação social e da Associação de Futebol de Ponta Delgada.

Acho que dentro da própria Associação de Futebol terá de haver dois departamentos completamente diferentes, com dois directores técnicos diferentes: um para o futsal e outro para o futebol. E a parti daí tentar se trabalhar ao máximo as duas modalidades.

Aqui na realidade que temos, mudando o ambiente e outras coisas entre os clubes e havendo mais interligação entre os clubes, ajudando-se mais fora de campo, iria ajudar a que se promovesse a modalidade.

Concorda que há falta de competitividade, especialmente na pré-época para os clubes que participam na Série Açores?

Tem dois factores que para mim são essenciais. Um é a nossa insularidade, que



"Um jogador para enveredar pela carreira desportiva tem de ir muito jovem para clubes que os possam dar essa opção, seja cá, seja no continente."

faz com que ou tenhamos investimento para ir lá fora, fazer jogos e competir, ou trazer equipas de fora. Em último caso as equipas podem jogar entre si.

O que acontece é que, normalmente, as equipas também querem esconder um pouco o jogo na pré-época, e se jogarem entre si isto vai condicionar esta parte. Mas a falta de competitividade também acontece no fim da época, no meu entender.

A criação da Série Açores foi uma ideia interessante ao inicio, mas que acabou por ser desinteressante na medida em que o nosso nível está um pouco abaixo, em termos de competição, desportivos e em termos de atletas, do continente. Nota-se sempre um ligeiro desequilíbrio entre as equipas de cá e as do continente que disputam a fase final, porque lá fora têm muito mais competição do que nós cá.

Em termos económicos, a Série Açores faz sentido mas, não sei até que ponto, não seria mais benéfico estarmos incorporados com equipas do continente, tendo um outro tipo de apoio.

Se cá já existem poucas equipas, para aumentar a competitividade será complicado.

Porque vemos poucos jogadores açorianos em divisões superiores?

Tem tudo a ver, na minha opinião, com a mentalidade do jogador e da própria insularidade que nós temos. É muito difícil um jogador abandonar tudo o que tem para arriscar uma carreira lá fora.

Ou tem um suporte muito grande da família para o ajudar ou, normalmente, não vão. Porque é algo que pode ou não resultar. O desporto é sempre uma incógnita e um atleta que está bem hoje, pode não o estar amanhã.

Por outro lado, há muitos jogadores que pelo que vejo, se contentam com o que temos aqui, ou seja, que a Série Açores é o máximo que podem almejar. E não, podem almejar mais mas têm de crer mais.

Um jogador para enveredar pela carreira desportiva tem de ir muito jovem para clubes que os possam dar essa opção, seja cá, seja no continente. E nem sempre os jogadores estão preparados para fazerem todos os sacrifícios que são necessários fazer.

A aposta no futsal adaptado é para continuar?

Sem dúvida, isto é para continuar e apostar ainda mais forte.

No final de Novembro vamos disputar a final da Supertaça de Portugal, visto que fomos finalistas vencidos da última edição da Taça de Portugal e o vencedor da Taça e o Campeão Nacional foi o mesmo clube.

Vamos tentar ganhar esta competição e todas as outras que iremos disputar este ano.

Pela primeira vez vamos levar uma equipa num escalão inferior, para atletas com mais dificuldades.

Vamos ter duas equipas. Uma para disputar a primeira divisão, chamemos-lhe assim, e a outra num escalão mais abaixo.

A chamada de atletas adaptados do Santa Clara à selecção nacional faz com que outras pessoas com dificuldades possam ver o desporto com outros olhos?

Este número tem vindo a subir. Tivemos três, depois quatro e em princípio teremos cinco convocados para a selecção nacional na próxima época. Obviamente que são um exemplo para os outros atletas, não só no adaptado mas no desporto em geral. E é algo que não acontece só no futsal. No atletismo também temos grandes exemplos de atletas que conseguem chegar a esse patamar e que são um exemplo para os outros.

Estou no desporto adaptado, a bem dizer, desde que começou na Região. Fiz parte da organização do primeiro campeonato que foi organizado. Houve uma grande evolução desde 2004 até agora, tanto em número de atletas como na qualidade destes.

Tem algo mais a acrescentar?

A que gostasse de praticar a modalidade, que venha experimentar sem medo. Sigam os vossos desejos e divirtam-se, que é o essencial.

Frederico Figueiredo

O domicílio fiscal dos não residentes



Por: Judith Teodoro
Advogada

Durante o período de estadia em Portugal, alguns dos cidadãos portugueses a viver no estrangeiro, procedem ao pedido ou à renovação do seu cartão de cidadão, onde declaram como sua residência a casa que possuem em Portugal, ou a morada de um familiar. Certamente por total desconhecimento, até porque associam que indicar a morada em Portugal é o procedimento correto, ignoram que terá consequências a nível fiscal, nomeadamente a obrigatoriedade de declarar em Portugal rendimentos obtidos no estrangeiro.

Nos termos do disposto no n.º 1 do artigo 13.º da lei n.º 7/2007, de 5 de fevereiro, a morada do cartão de cidadão é a "correspondente ao seu local de residência habitual" e que, para efeitos fiscais, "o cidadão tem-se por domiciliado" nessa mesma morada (de acordo com o n.º 2 da mesma norma).

A Lei Geral Tributária estipula que "os sujeitos passivos residentes no estrangeiro, bem como os que, embora residentes no território nacional, se ausentem deste por período superior a seis meses, (…) devem, para efeitos tributários, designar um representante com residência em território nacional", nos termos do n.º 6 do artigo 19.º.

É verdade que a nomeação de representante é facultativa para os residentes em países da União Europeia, e também pode ser substituída pela adesão ao serviço público de notificações eletrónicas associado à morada única digital, ao regime de notificações e citações eletrónicas no Portal das Finanças ou à caixa postal eletrónica" (n.ºs 8 e 15 do mesmo artigo).

O Código do Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Singulares, vulgarmente conhecimento abreviadamente por IRS, determina que ficam sujeitas a este imposto "as pessoas singulares que residam em território português e as que, nele não residindo, aqui obtenham rendimentos" (n.º 1 do artigo 13.º), enquanto o n.º 2 do artigo 1.º estipula que "os rendimentos, quer em dinheiro quer em espécie, ficam sujeitos a tributação, seja qual for o local onde se obtenham, a moeda e a forma por que sejam auferidos".

Harmonizando o conjunto destas normas entre si, implica que as pessoas que se declaram residentes em Portugal no seu cartão de cidadão estão a deslocar para cá o domicílio fiscal e, portanto, obrigadas a declarar todos e quaisquer rendimentos "seja qual for o local onde se obtenham".

É claro que a lei permite-lhes fazer prova de que não são residentes permanentes em Portugal, num processo que pode nem sempre ser fácil e que culmina sempre na obrigatoriedade de alterar a morada do cartão de cidadão para o endereço do país estrangeiro com efeitos retroativos, podendo ainda ficar sujeitos ao pagamento de multas.

Será por isso recomendável, caso tenha renovado o seu cartão de cidadão e se por mero lapso indicou a morada que tem em Portugal, que atualize a sua morada junto do consulado português da sua área de residência, de molde a proceder à alteração da sua morada para o país onde efetivamente vive. Depois de validada, esta informação é transmitida automaticamente à base de dados da Autoridade Tributária portuguesa.

Terra Nossa - SIC

GTI Plus - TVI





RTP Açores

01:14 A Prova Dos Factos T3 - Ep. 22
01:49 Tech 3 T5 - Ep. 41
01:55 Fotobox T8 - Ep. 30
02:10 Hora De Agir T2 - Ep. 22
02:26 Atlântida Açores T23 - Ep. 19
04:00 Telejornal Açores
04:32 Grande Entrevista T17 - Ep. 34
05:27 Janela Indiscreta T16 - Ep. 38
06:12 A Essência T10 - Ep. 23
06:26 Casa Do Tempo - Ep. 27
06:36 Francisco De Holanda - A Luz Esquecida Do Renascimento
07:30 Zig Zag T19 - Ep. 10
07:45 Zig Zag T19 - Ep. 11
08:00 Zig Zag T19 - Ep. 12
08:16 Histórias À Solta - Ep. 14
08:30 Exploradores Da Natureza T2 - Ep. 2
08:59 No Mundo Dos Animais T1 - Ep. 16
09:09 Todas As Palavras T9 - Ep. 17
09:30 Eucaristia Dominical
10:25 Biosfera T21 - Ep. 9
10:53 Tech 3 T5 - Ep. 41
11:00 RTP3 / RTP Açores
16:00 Noticias Do Atlântico - Açores
16:30 Consulta Externa - Ep. 19
17:12 Hora De Agir T2 - Ep. 22
17:27 Inesquecível T11 - Ep. 20
18:58 Grande Entrevista T17 - Ep. 34
20:00 Telejornal Açores
20:38 Linha Da Frente T16 - Ep. 16
21:10 Teledesporto - Ep. 27
22:00 Visita Guiada T14 - Ep. 10
22:45 Sempre - Ep. 3

RTP1

00:00 Pig - A Viagem de Rob
01:30 Janela Indiscreta T16 - Ep. 38
02:30 Televendas
04:30 Todas as Palavras
05:00 Zig Zag
07:00 Bom Dia Portugal Fim de Semana
09:30 Eucaristia Dominical
10:30 Aqui Portugal - Os Melhores Momentos
11:59 Jornal da Tarde
12:30 Futsal: Marrocos x Portugal - Camp. Mundo TRANSMISSÃO EM DIRETO
18:59 Telejornal
20:15 The Voice Portugal T12 - Ep. 1
A partir de 22 de setembro, vamos conhecer novas vozes e viver momentos únicos na descoberta do talento nacional. The Voice Portugal volta com a promessa de emocionar e conquistar os portugueses! As cadeiras mais famosas de Portugal vão ser ocupadas por quatro das maiores estrelas nacionais: Sónia Tavares, Fernando Daniel, Sara Correia e Nininho Vaz Maia. E desde já está garantido que nos irão proporcionar momentos muito divertidos.
23:00 As Férias Loucas De Barb E Star

RTP2

08:45 Mush-Mush E Os Mushimelos - Ep. 34
08:55 A Aldeia Encantada Do Pinóquio - Ep. 52
09:05 Dinoster: Os Heróis Quânticos - Ep. 14
09:15 Pfffiratas - Ep. 43
09:25 A Ovelha Choné T6 - Ep. 10
09:30 No Mundo dos Animais T2 - Ep. 13
09:40 À Boleia Da Ciência - Ep. 2
09:50 Aconteceu Mesmo! - Ep. 19
10:00 Campeonato Do Mundo De Ginástica Acrobática - Ep. 4
11:35 Zig Zag
11:36 Luke, O Viajante No Tempo - Ep. 24
11:45 Caldas Da Rainha Ladies Open - Ep. 2
13:25 Zig Zag
13:26 As Regras Da Flora T1 - Ep. 3
13:35 As Regras Da Flora T1 - Ep. 4
13:45 Sim, Eu Consigo - Ep. 1
14:00 Campeonato Do Mundo De Ginástica Acrobática - Ep. 5
17:30 Caminhos
18:00 70x7
18:30 Temos Programa T3 - Ep. 31
19:00 A História De Annette Zelman
20:30 Jornal 2
21:00 Atlas de Pandora T2 - Ep. 2
21:10 Sissi T3 - Ep. 5
22:05 Folha de Sala
22:10 Prémio Jovens Músicos - Concerto Jovem Músico 2023 Com Orquestra Metropolitana De Lisboa

SIC

00:00 All You Need Is Love T4 - Ep. 7
01:15 Levanta-te E Ri (2023) - Ep. 7
03:00 Televendas
04:30 Camilo, O Presidente T1 - Ep. 1
05:45 Uma Aventura T3 - Ep. 7
06:45 Caixa Mágica - Caminhos De Portugal T1 - Ep. 2
08:00 Casa Feliz - Especiais T5 - Ep. 38
11:00 Vida Selvagem
12:00 Primeiro Jornal
13:30 Domingão T5 - Ep. 36
19:00 Jornal Da Noite
20:30 Isto É Gozar Com Quem Trabalha T10 - Ep. 4
21:15 Terra Nossa T4 - Ep. 3
César Mourão viaja ao encontro das mais variadas personalidades, famosos ou anónimos com muito para contar, fazendo paragens em localidades icónicas. No final, César Mourão apresenta um espetáculo de stand-up exclusivo perante uma plateia muito especial: os protagonistas das histórias que foi ouvindo.

TVI

00:00 Secret Story: A Semana
01:00 GTI Plus
GTi é um programa semanal de informação e entretenimento, essencialmente dedicado aos automóveis e à sua utilização nos diversos contextos - quotidiano, profissional, em viagem, competição.
01:15 O Beijo do Escorpião - Ep. 145
02:30 Sedução - Ep. 26
02:45 TV Shop
04:45 Todos Iguais
05:15 As Aventuras Do Gato Das Botas
05:45 Diário Da Manhã
06:15 Campeões E Detectives
07:00 Inspetor Max
O inspetor Jorge Mendes é um homem solitário, cuja mulher morreu quando os filhos ainda eram pequenos. Trabalha em Investigação Criminal e conta com a preciosa ajuda de um cão chamado Max para o ajudar a resolver os crimes.
08:00 As Baleias Com Steve Backshall
09:00 Querido, Mudei A Casa!
10:00 Missa
11:00 O Fura Casamentos
11:58 TVI Jornal
13:00 Somos Portugal
18:57 Jornal Nacional
20:30 Secret Story - Gala

Qualquer alteração à programação que publicamos é da responsabilidade das respectivas estações

signos



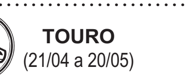
Astrólogo Luís Moniz
site: http://meiodoceu-com-sapo-pt.webnode.pt



CARNEIRO (21/03 a 20/04)
É a altura certa para procurar algum apoio que necessite para conseguir alcançar os seus objetivos profissionais, mas concretize os seus projetos.



BALANÇA (23/09 a 23/10)
Atravessa um período auspicioso que lhe traz alegria e bem-estar. Todavia, é através de ações concretas que vai conquistar os sucessos desejados.



TOURO (21/04 a 20/05)
Sente a inspiração artística que lhe possibilita manifestar os seus talentos criativos. Neste sentido, não tenha medo de realizar os seus sonhos.



ESCORPIÃO (24/10 a 21/11)
Embora a vida relacional esteja consolidada, preste atenção ao outro membro do casal e use a sua intuição para aprofundar os seus laços familiares.



GÉMEOS (21/05 a 20/06)
Provavelmente agora sente que tem maior capacidade para aumentar a sua produtividade no trabalho de maneira a poder materializar os seus planos.

SAGITÁRIO (22/11 a 20/12)
Abre-se aqui uma época de novidades particularmente vantajosas que podem alterar o rumo a seguir. Contudo, não gaste dinheiro de forma precipitada.



CARANGUEJO (21/06 a 22/07)
O momento é favorável para resolver tensões que prejudicam o ambiente do seu lar. Porém, afaste inseguranças sentimentais e tome decisões firmes.

CAPRICÓRNIO (21/12 a 19/01)
Esta é uma etapa surpreendente que lhe traz inquietação interior. A ocasião é oportuna para analisar as suas verdadeiras capacidades individuais.

LEÃO (23/07 a 22/08)
A conjuntura reforça o seu entusiasmo pela vida. Está confiante e capaz de tomar iniciativas especialmente coerentes com a sua realização pessoal.



AQUÁRIO (20/01 a 19/02)
Durante esta fase influenciada pelo Plutão que simboliza as transformações radicais, é possível que sinta maior vontade de correr alguns riscos.

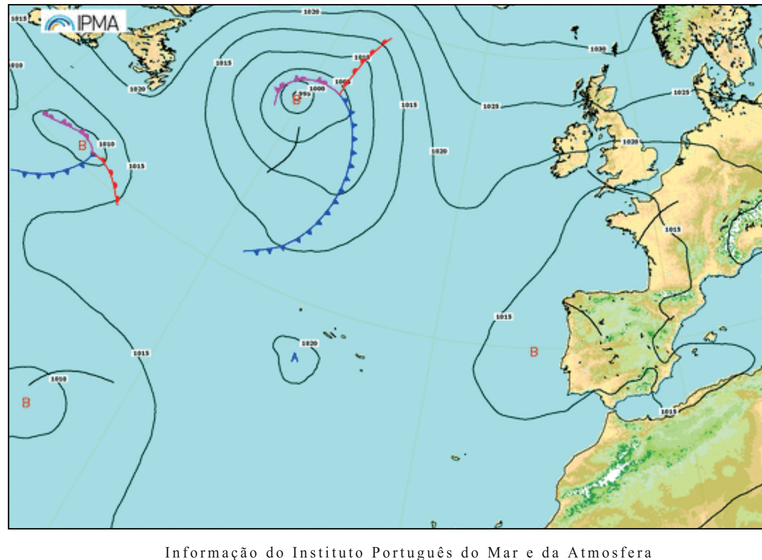


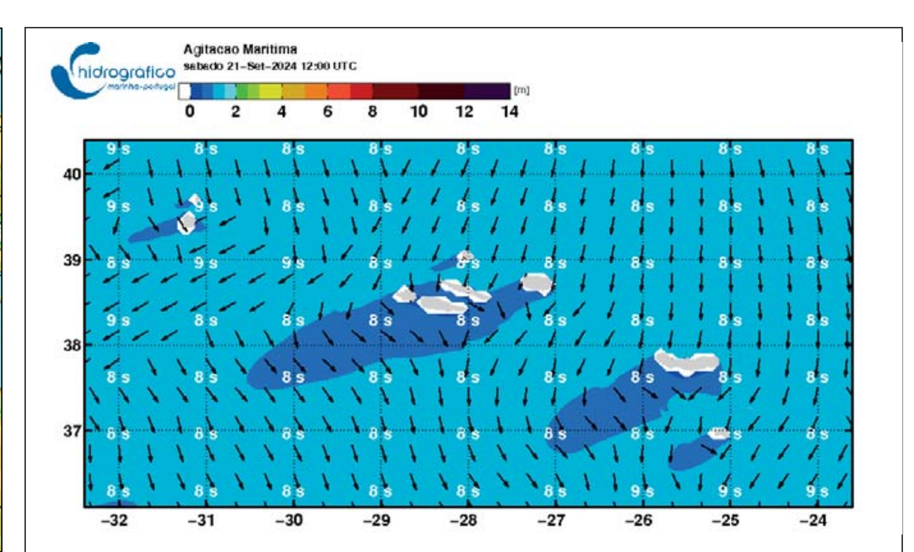
VIRGEM (23/08 a 22/09)
A sua forma de comunicar pode trazer-lhe alguns problemas escusados de modo que vai precisar de contrariar o seu lado demasiado crítico e exigente.



PEIXES (20/02 a 20/03)
É possível que experimente estados de humor que lhe parecem muito diferentes daqueles que estão geralmente presentes na sua vivência quotidiana.

Previsão do estado do tempo nos Açores





Informação do Instituto Português do Mar e da Atmosfera

Frente fria · Frente quente · Frente Oclusa · Frente Estacionária · A Centro de Alta Pressão · B Centro de Baixa Pressão

GRUPO OCIDENTAL

Períodos de céu muito nublado com boas abertas. Aguaceiros fracos durante a tarde. Vento oeste fraco a bonançoso (05/20 km/h), tornando-se bonançoso a moderado (10/30 km/h) e rodando para sudoeste a partir da noite.

ESTADO DO MAR
Mar encrespado, tornando-se de pequena vaga. Ondas norte de 1 a 2 metros, passando a noroeste. Temperatura da água do mar: 24ºC

GRUPO CENTRAL

Períodos de céu muito nublado com boas abertas. Aguaceiros fracos e pouco frequentes. Vento fraco (05/10 km/h).

ESTADO DO MAR
Mar encrespado. Ondas do quadrante norte de 1 metro. Temperatura da água do mar: 24ºC

GRUPO ORIENTAL

Períodos de céu muito nublado com boas abertas. Vento norte fraco a bonançoso (05/20 km/h).

ESTADO DO MAR
Mar encrespado a de pequena vaga. Ondas norte de 1 a 2 metros. Temperatura da água do mar: 24ºC

ESTATUTO EDITORIAL

1 - O Correio dos Açores define-se como um órgão de comunicação social de grande informação regional.

2- O Correio dos Açores orienta-se por critérios de rigor e criatividade editorial, sem qualquer dependência de ordem ideológica, política e económica.

3- O Correio dos Açores afirma-se ainda como um porta-voz dos princípios e valores defendidos e aceites pelos Açoreanos na defesa da sua Autonomia e no integral respeito pelos princípios consagrados na Constituição da República.

4 - O Correio dos Açores procurará veicular temas sociais, políticos e culturais diversificados, correspondendo às motivações e interesses de um público plural, debatendo ideias suscetíveis de promoverem o enriquecimento da opinião pública, sempre norteados pelos valores éticos e cívicos.

5 - O Correio dos Açores compromete-se a assegurar o respeito pelos princípios deontológicos e pela ética profissional dos jornalistas, assim como a boa-fé dos seus leitores.

INFORMAÇÕES DE UTILIDADE PÚBLICA

FARMÁCIAS

Ponta Delgada – Farmácia Vieira & Botelho
Rua de São João 32-36
Telefone: 296 282 037

Ribeira Grande - Farmácia Ribeirinha
Rua Direita 1ª Parte, Nº1
Telefone: 296 479 202

HOSPITAIS

Ponta Delgada - 296 203 000
Nordeste - 296 488 318 - 296 488 319
Vila Franca - 296 539 420
Ribeira Grande - 296 470 500
Povoação - 296 585 197 - 296 585 155

POLÍCIA

Ponta Delgada - 296 282 022, 296 205 500 e 296 629 630
Trânsito - 296 284 327
Ribeira Grande 296 472 120, 296 473 410
Lagoa - 296 960 410
Vila Franca - 296 539 312
Furnas - 296 549 040, 296 540 042
Povoação - 296 550 000, 296 550 001, 296 550 005 e 296 550 006
Nordeste - 296 488 115, 296 480 110, 296 480 112 e 296 480 118
Maia - 296 442 444, 296 442 996
Rabo de Peixe - 296 491 163, 296492033
Capelas - 296 298 742, 296 989 433
Santa Maria - 296 820 110, 296 820 111, 296 820 112 e 296 820 110

GNR

Largo Dr. Manuel Carreiro, 9504-514 Ponta Delgada
Tel: Fixo: 296 306 580 / Fax: 296 306 598
Email: ct.acr@gnr.pt

POLÍCIA MUNICIPAL

Rua Manuel da Ponte, n.º 34
9500 – 085 Ponta Delgada
Tel. 296 304403/91 7570841
Fax: 296 304401
E-Mail: policiamunicipal@mpdelgada.pt

BOMBEIROS

Ponta Delgada - Urgência 296 301 301
Normal 296 301 313
Ginetes - 296950950
Nordeste - 296488111
Vila Franca - 296539900
Ribeira Grande: 296 472318, 296 470100
Lomba da Maia - 296446017, 296446175
Povoação - 296 550050, 296 550052
Centro de Enfermagem Bombeiros de Ponta Delgada
Todos os dias das 17h00 – 20h00
Incluindo Sábados, Domingos e Feriados

MARINHA

Centro de Coordenação de Busca e Salvamento Marítimo (MRCC Delgada)
Tel. 296 281 777
Polícia Marítima de Ponta Delgada (PM Delgada)
Tel. 917 764 428

PORTO DE ABRIGO

Estação Costeira Porto de Abrigo
Tel. 296 718 086

GABINETE DE APOIO À VÍTIMA

296 285 399 (número regional)
707 20 00 77 (número único)
apav.pontadelgada@apav.pt
2.ª a 6.ª das 9:30 às 12:00 e das 13:00 às 17:30

MUSEUS

Ponta Delgada
Museu Carlos Machado
Inverno (de 1 de Outubro a 31 de Março)
Terça a Domingo, das 9h30 às 17h00
Verão (de 1 de Abril a 30 de Setembro)
Terça a Domingo, das 10h00 às 17h30
Museu Hebraico Sahar Hassamaim de Ponta Delgada - Portas do Céu (Sinagoga)
Segunda a Sexta, das 13h00 às 16h30
Museu Militar dos Açores
De 2ª a 6ª feira das 10h00 às 18h00
Sábado e Domingo das 10h00 às 13h30 e das 14h00 às 18h00
Encerrado aos feriados

Ribeira Grande
Museu Municipal
Museu "Casa do Arcano"
Museu da Emigração Açoriana
Museu Vivo do Franciscanismo
Casa Lena Gal
Aberto de 2ª a 6ª - 09h00/17h00

Museu Municipal do Nordeste
Aberto de 2.ª a 6.ª das 09h00 às 12h00 e das 13h00 às 16h00

Povoação
Museu do Trigo
De Segunda a Sexta das 09h00 às 17h00
Sábados, Domingos e Feriados das 11h00 às 16h00

SERVIÇOS CULTURAIS

Ponta Delgada
Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada
Horário de inverno (Outubro a Junho)
De 2.ª a 6.ª das 9h00 às 19h00
Sábado das 14h00 às 19h00
Horário de Verão (Julho a Setembro)
De 2.ª a 6.ª das 9h00 às 17h00
Sábado encerrado
Biblioteca Municipal Ernesto do Canto
Rua Ernesto do Canto s/n 9500-313
Tel: 296 286 879; Fax: 296 281 139
Email: biblioteca@mpdelgada.pt
Horário: 2ª a 6ª feira das 10h00 às 18h00
Horário de verão (durante as férias escolares): 2ª a 6ª feira das 8h30 às 16h30

Ribeira Grande
Arquivo Municipal; Biblioteca Municipal
De 2ª a 6ª feira das 9h00 às 17h00

Povoação
Biblioteca:
De Segunda a Sexta das 09h00 às 17h00

Ribeira Grande
Centro Comunitário e de Juventude de Rabo de Peixe
Teatro Ribeiragrandense
Horário da 2ª a 6ª das 9h00 às 17h00

MISSAS

Semana - 08.00 – *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres;* **09.00** - *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres, à Sexta-feira);* **12.30** – *Igreja Paroquial da Matriz (São Sebastião);* **18.00** – *Igreja Imaculado Coração de Maria e Igreja Paroquial de São José;* **19.00** – *Igreja Paroquial de São Pedro, Igreja de Nossa Senhora de Fátima, (de terça-feira à sexta feira) e Igreja Paroquial de Santa Clara (de Quarta-feira à Sexta feira); (Terça-feira e Quinta-feira às 19 horas), Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Fajã de Cima*

Sábado - 08.00 – *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres;* **12.30** - *Igreja Paroquial da Matriz (São Sebastião);* **16.00** – *Igreja Nª Sra. Das Mercês;* **16,30** - *Nossa Sra. de Fátima;* **17.00** – *Clínica do Bom Jesus (Suspensa);* **17.30** – *Igreja Imaculado Coração Maria (S. Pedro);* **18.00** – *Igreja Paroquial de S. JOSÉ e Igreja Paroquial de Santa Clara;* **19.00** - *Igreja Paroquial de São Pedro, Igreja Nossa Senhora Fátima e Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Fajã de Cima*

Domingo - 08.00 – *Santuário Senhor Santo Cristo dos Milagres;* **09.30** – *Clínica Do Bom Jesus (Suspensa);* **10.00** – *Igreja Matriz e Igreja Imaculado Coração de Maria (S. Pedro) e Igreja Paroquial Santa Clara;* **10.30** – *Casa de Saúde Nª Sra. Conceição e Hospital Divino Espírito Santo (Suspensa);* **11.00** – *Igreja Paroquial São Pedro e Igreja Paroquial de São José;* **11:30** - *Igreja de Nossa Senhora da Oliveira - Fajã de Cima;* **12.00** – *Igreja Matriz, Santuário Santo Cristo e Igreja Nossa Senhora Fátima;* **12.15** – *Ermida de São Gonçalo (São Pedro)*;* **17.00** – *Igreja Paroquial da Matriz (São Sebastião);* **18.00** – *Igreja Paroquial São José* **;* **19.00** – *Igreja Paroquial São Pedro*

** Não há no mês de Agosto*

*** Nos meses de Julho e Agosto não haverá Eucaristia Dominical às 18h00, na Igreja de São José. Esta será retomada no 1º Domingo do mês de Setembro.*

MOVIMENTO AÉREO

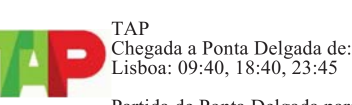


Azores Airlines
Chegada a Ponta Delgada de:
Funchal: 06:45, 16:00
Lisboa: 07:30, 14:05, 15:40, 20:55
Porto: 14:00, 21:00, 23:40
Toronto: 06:40
Boston: 06:05

Partida de Ponta Delgada para:
Funchal: 10:50, 20:40
Lisboa: 08:25, 09:50, 15:15, 21:50
Porto: 08:20, 15:20, 18:30
Toronto: 16:50
Boston: 18:05

Air Açores
Chegada a Ponta Delgada de:
Flores: 13:50, 18:00
Corvo: 10:25, 17:20
Horta: 11:35, 14:35, 19:25
Pico: 11:15, 15:05, 19:50, 20:45
São Jorge: 11:50, 16:30,
Santa Maria: 07:55, 13:40, 18:25, 20:25, 21:25
Terceira: 10:20, 13:45, 18:05, 20:25, 20:40, 22:05

Partida de Ponta Delgada para:
Flores: 08:35, 12:20
Corvo: 07:00, 11:00
Horta: 07:15, 12:20, 15:05
Pico: 07:00, 10:50, 15:35, 18:35
São Jorge: 07:45, 14:10
Santa Maria: 06:30, 12:15, 17:00, 18:55, 20:00
Terceira: 08:25, 11:50, 14:15, 14:50, 18:20, 20:05, 21:20



TAP
Chegada a Ponta Delgada de:
Lisboa: 09:40, 18:40, 23:45

Partida de Ponta Delgada para:
Lisboa: 06:30, 10:45, 19:55

MOVIMENTO MARÍTIMO

NAVIOS DA TRANSINSULAR

INSULAR - Em Ponta Delgada largando para o Caniçal e Leixões
MONTE DA GUIA - Em Leixões largando para Ponta Delgada
S. JORGE – Nas Velas
MARGARETHE – Nas Flores



REBECA S - Em viagem para Ponta Delgada chegando amanhã
LAURA S - Em viagem para Lisboa chegando amanhã



CORVO – Em viagem de Lisboa para Ponta Delgada
PONTA DO SOL – Em Ponta Delgada



Transporte Marítimo Parece Machado, Lda

BAÍA DOS ANJOS - Sem informação

EFEMÉRIDES

1980 - Começa a guerra entre o Irão e o Iraque.
1985 - Motim na prisão de Alcoentre, dominado ao fim de algumas horas.

1989 - Morre, aos 101 anos, o compositor norte-americano de origem russa, Irving Berlin, autor de "God Bless America".

1996 - A Associação Promotora para a Economia de Macau vence as eleições para a Assembleia Legislativa do território.

1997 - Pedro Pires, antigo primeiro ministro de Cabo Verde, é eleito presidente do PAICV.

2000 - Assinala-se o primeiro dia Europeu Sem Carros. Em Portugal aderem os concelhos de Aveiro, Beja, Évora, Leiria, Lisboa, Porto e Sintra.

2001 - Morre, aos 93 anos, Gustavo Soromenho, dirigente histórico socialista.

2006 - O Governo espanhol decide atribuir o Colar da Ordem de Isabel a Católica ao Presidente da República, Cavaco Silva, e a Grã Cruz da mesma ordem aos ministros dos Negócios Estrangeiros, Luis Amado, ao ministro da Economia, Manuel Pinho, e ao ministro da Ciência, José Mariano Gago.

2009 - O piloto da companhia aérea holandesa Transavia Júlio Alberto Poch, suspeito de ter participado nos "voos da morte" durante a ditadura argentina, é detido em Valência, Espanha.

- Morre, com 85 anos, o músico português Luís Sangareau, um dos primeiros bateristas de jazz no país.- Morre Elizaveta Moukasseï, que juntamente com o seu marido formou uma dupla de espiões lendários durante a Guerra Fria. Tinha 97 anos.2011 - Morre, com 87 anos, Aristides Pereira, primeiro presidente de Cabo Verde.

2015 - No Brasil, no âmbito da Operação Lava Jato, a Justiça condena o ex-deputado federal André Vargas, o seu irmão Leon Vargas e o publicitário Ricardo Hoffmann. Com a sentença, André Vargas, que foi vice-presidente da Câmara, é o primeiro político a ser condenado neste processo.

- Os ministros do Interior europeus aprovam a repartição de 120.000 refugiados, com votos contra da Eslováquia, Roménia, República Checa e Hungria, e abstenção da Finlândia.

2016 - O ex-ministro das Finanças brasileiro Guido Mantega é detido, em São Paulo, no âmbito 34.ª fase da Operação Lava Jato, que investiga um esquema de corrupção.

Este é o ducentésimo sexagésimo quinto dia do ano. Faltam 100 dias para o termo de 2024.

Pensamento do dia: *"Não se luta apenas na esperança da vitória. É muito mais belo quando é inútil." Edmond Ronstand (1868-1918), escritor francês.*

Centro Municipal de Cultura de Ponta Delgada

Horário das Exposições

2.ª feira a 6.ª feira:
das 9h00 às 17h00

Sábados:
das 14h00 às 17h00

TABELA DAS MARÉS



5:02 - Preia-mar
11:06 - Baixa-mar
17:21 - Preia-mar
23:31 - Baixa-mar

TEATRO MICAELENSE

LAUDUM DEI E BANDA FUNDAÇÃO BRASILEIRA
4 DE OUTUBRO - 21H30

COLISEU MICAELENSE

NATÁLIA É QUANDO UMA MULHER QUISER
28 DE SETEMBRO - 21H00

TÁXIS



296 38 2000
96 29 59 255
91 82 52 777

PRAÇA DE TÁXIS

296 20 50 50

TRANSFERES

919 501 266

JOGOS SANTA CASA

Euromilhões
Próximo sorteio Sexta-Feira
€ 54.000.000
Último sorteio 17/09/2024
20 30 32 41 44 + 1 10

Milhão
Próximo Sorteio Sexta-Feira
€ 1.000.000
Último Sorteio 13/09/2024
FNX 21306

Totoloto
Próximo Sorteio Sábado
€ 1.200.000
Último Sorteio 18/09/2024
5 8 10 17 23 + 7

Lotaria clássica
Próxima Extração 23/09/2024
€ 600.000
Última Extração 16/09/2024
1º PRÉMIO 40412

Lotaria popular
Próxima Extracção 26/09/2024
€ 75.000
Última Extracção 19/09/2024
1º PRÉMIO 91006

Totobola
Próximo Concurso Domingo
€ 16.000
Último Concurso 15/09/2024
112 11X 122 2212 2



Propriedade Gráfica Açoreana, Lda.
Contribuinte 512005915
Número de registo 100916
Conselho de Gerência - Américo Natalino Pereira Viveiros; Paulo Hugo Falcão Pereira de Viveiros; Dinis Ponte
Capital Social 473.669,97 Euros
Sócios com mais de 5% do Capital da Empresa Américo Natalino Pereira Viveiros; Octaviano Geraldo Cabral Mota; Paulo Hugo Falcão Pereira de Viveiros

Director: Américo Natalino Viveiros - **Director-adjunto:** Santos Narciso - **Sub-director:** João Paz - **Chefe de Redacção:** Jornalista Carlota Pimentel e Jornalista Nélia Câmara - **Redacção:** Jornalistas Marco Sousa, Daniela Canha, Frederico Figueiredo, Filipe Torres **Revisão:** Rui Leite Melo; **Marketing e Publicidade:** Madalena Gonçalves, Emanuel Pereira, Pedro Raposo **Paginação e Montagem:** João Sousa (Coordenação), Luís Craveiro, Miguel Sousa : **Colaboradores residentes:** João Bosco Mota Amaral, Vasco Garcia, João Carlos Abreu, António Pedro Costa, Álvaro Dâmaso, Gualter Furtado, Carlos Rezendes Cabral, Eduardo de Medeiros, Pedro Paulo Carvalho da Silva, Carlos A.C. César, Teófilo Braga, Fernando Marta, Sónia Nicolau, Alberto Ponte, Arnaldo Ourique, José Manuel Monteiro da Silva, José Maria C. S. André, António Benjamim, Mário Beja Santos, Mário Moura, Emanuel Teves, Judith Teodoro, Carmo Rodeia, Jaime Neves, José Silva, Maria do Carmo Martins, Áurea Sousa, Paulo Medeiros, Jerónimo Nunes, Armando B. Mendes, Isaura Ribeiro, Helena Melo, Osvaldo Silva, José Luís Tavares

Tiragem: 4.000 exemplares

Sede do editor, da redacção e da impressão:
Rua Dr. João Francisco de Sousa, n.º 16
9500-187 Ponta Delgada – S. Miguel – Açores
Contactos: **Redacção**: 296 709 882 / 296 709 883 / jornal@correiodosacores.pt; desporto@correiodosacores.pt.
Marketing e Publicidade: 296 709 889 296 709 885 pub@correiodosacores.pt
Estatuto Editorial disponível em www.correiodosacores.pt



Governo dos Açores
Esta publicação tem o apoio do PROMEDIA III - *Programa Regional de Apoio à Comunicação Social Privada*

ÚLTIMA

Correio dos Açores

22 de Setembro de 2024

Fundado em 1920

www.correiodosacores.pt

Rua Dr. João Francisco de Sousa nº 16
9500-187 Ponta Delgada - São Miguel - Açores

Apontamento Dominical

Medjugorje



A Santa Sé publicou ontem (19 de Setembro de 2024) uma nota acerca da devoção a Nossa Senhora em Medjugorje, uma pequena povoação da Bósnia Herzegovina, na antiga Jugoslávia.

A história remonta a 24 de Junho de 1981, quando duas raparigas, Ivanka Ivanković e Mirjana Dragičević, passavam num caminho junto da colina Crnica e, imprevistamente, uma delas, Ivanka, viu Nossa Senhora. Poucas horas depois, seis jovens, Vicka Ivanković, Ivan Dragičević, Ivan Ivanković e Milka Pavlović, Marija Pavlović e Jakov Čolo, viram no mesmo lugar Nossa Senhora com o Menino.

O bispo da diocese, D. Pavao Žanić, falou no mês seguinte com os videntes e ficou convencido de que diziam a verdade.

As aparições continuaram e, um ano depois, o mesmo bispo enviou ao Vaticano uma nota confidencial a manifestar a opinião de que não se trata de aparições genuínas de Nossa Senhora. Mais outro ano e, em face da incerteza, a Conferência Episcopal Jugoslava decide proibir as peregrinações oficiais. Entretanto, Nossa Senhora continuava a aparecer em Medjugorje a vários rapazes e raparigas.

Ao fim de alguns anos, a comissão diocesana encarregada de estudar o assunto pronuncia-se negativamente pela autenticidade das aparições, mas o Pró- Núncio em Belgrado discorda da comissão diocesana. O Vaticano pede à Conferência Episcopal Jugoslava que se pronuncie, mas os bispos jugoslavos respondem que não sabem se as aparições são verdadeiras, notam apenas que as multidões que chegam a Medjugorje precisam de ser atendidas. Porque começa a ser manifesto que muitos peregrinos voltavam transformados de Medjugorje. Mesmo os que tinham ido por mera curiosidade, nem eram católicos ou viviam afastados da Igreja, sem se perceber como, resolviam confessar-se e mudar de vida. Bastantes, sentiam o apelo de Deus a uma vocação específica e decidiam entrar no seminário ou seguir o caminho que a graça de Deus inspirava a cada um.

Por outro lado, as aparições não se interrompiam ao longo dos anos e, embora se saiba que Deus todo-poderoso pode realizar todos os milagres imagináveis, as autoridades eclesiásticas perguntavam-se se uma sequência tão estranha seria autêntica. Alguns pensavam que as primeiras aparições eram verdadeiras, mas as seguintes eram inventadas; outros inclinavam-se a acreditar em tudo; outros punham tudo em causa.

Os acontecimentos eram, sem dúvida, invulgares, mas as conversões cada vez mais abundantes. Se aquilo era uma mistificação do demónio, como explicar que as pessoas se aproximassem de Deus e se arrependessem dos pecados?

Em 1995, João Paulo II quis ir a Medjugorje, mas o bispo da diocese opôs-se e o Papa desistiu da viagem.

O bispo da diocese continuava a rejeitar as peregrinações e a declarar que as aparições eram falsas, mas, em 1998, o Vaticano contrapôs que não se sabia se eram falsas e, portanto, não se proibiam as peregrinações nem se lhes atribuía carácter oficial.

Os bispos jugoslavos não chegavam a acordo e, em 2008, Bento XVI nomeou uma comissão, presidida pelo Cardeal Camillo Ruini, para estudar o assunto. Trabalharam durante seis anos e chegaram à conclusão de que as aparições mereciam crédito, pelo menos no princípio. No entanto, a Congregação para a Doutrina da Fé considerou mais prudente não publicar esse estudo sem consultar mais especialistas. E o parecer destes novos especialistas foi negativo.

Surpreendentemente, as aparições, verdadeiras ou falsas, continuavam...

Em 2015, o Papa Francisco decidiu encarregar-se directamente da questão e mudar a abordagem. Preocupava-o em primeiro lugar ajudar quem vai a Medjugorje a converter-se realmente, a fazer uma boa Confissão, a dar um impulso novo à vida. Se os frutos das peregrinações são tão positivos, é sinal de que Deus actua. Podemos não saber se os videntes são rigorosos nos seus relatos, ou se levam uma vida santa, o importante é que a graça de Deus actua. Foi isto, em suma, que o Vaticano declarou na nota «A Rainha da Paz», publicada ontem.

Um dos últimos parágrafos dessa nota cita uma frase que Nossa Senhora teria dito aos videntes em 2018: «Caros filhos, (...) eu vos chamo para o meu Filho. (…) Quanto mais O conhecerdes, quanto mais vos aproximardes dEle, tanto mais O amareis, porque o meu Filho é o Amor. O amor transforma cada coisa, torna belíssimo mesmo aquilo que sem amor vos parece insignificante».

José Maria C.S. André